

ANTROPONÍMIA NA LÍNGUA OSHIKWANYAMA

Toivo Evaristo HAIPINGE

**Dissertação de Mestrado em Terminologia e Gestão
da Informação de Especialidade**

Março de 2017

ANTROPONÍMIA NA LÍNGUA OSHIKWANYAMA

Toivo Evaristo HAIPINGE

**Dissertação de Mestrado em Terminologia e Gestão da
Informação de Especialidade**

Orientadora: Professora Doutora Maria Teresa Rijo da Fonseca Lino

Março de 2017

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Terminologia e Gestão da Informação de Especialidade, realizada sob a orientação da Professora Doutora Maria Teresa Rijo da Fonseca LINO.

DECLARAÇÕES

Declaro que esta Dissertação é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e bibliografia.

O candidato

Toivo Evaristo Haipinge

Toivo Evaristo Haipinge

Lisboa, 31 de Março de 2017

Declaro que esta Dissertação se encontra em condições de ser apreciada pelo júri a designar.

A orientadora

Maria Teresa Rijo da Fonseca Lino

Professora Doutora Maria Teresa Rijo da Fonseca Lino

Lisboa, 31 de Março de 2017

DEDICATÓRIA

À minha mãe Emília Baptista, às minhas tias Florinda Graciano e Emília Nd. João (em repouso eterno).

Dedico, igualmente, a toda a família (irmãos, primos, tios, amigos) e em especial ao meu filho Francisco Rubeni Haipinge e à minha esposa Madalena C. Francisco.

AGRADECIMENTOS

À minha incansável orientadora, Professora Doutora Maria Teresa Rijo da Fonseca Lino, pela sabedoria, experiência de trabalho, paciência, entrega e amor ao trabalho que faz, pela atenção e dedicação dispensada para o êxito deste trabalho. De igual modo, agradecemos a todos os docentes do Departamento de Linguística da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa que directa ou indirecta contribuíram para a nossa aprendizagem ao longo da formação, em especial à Professora Doutora Rute Costa, à Professora Doutora Raquel Silva, à Professora Doutora Maria Lobo e ao Professor Doutor Christophe Roche.

Os nossos agradecimentos estendem-se à comissão multisectorial para a Rectificação do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, com vista à sua ratificação em Angola, em especial à Dr.^a Paula Henriques.

Os nossos agradecimentos estenderem-se ao Grupo Técnico para a Padronização da Escrita e Correção de Documentos Escritos na Língua Oshikwanyama; ao Comité Provincial das Línguas Nacionais no Cunene; à Direcção e ao colectivo de professores da Escola de Formação de Professores de Ondjiva; à Secção da Conservatória dos Registos Civis do Cunene, à Administração Municipal de Namacunde em especial ao Administrador Municipal Dr. Apolo Ndinolenga; à Conservatória dos Registos Notarial do Cunene; à Direcção Provincial da Educação do Cunene.

Agradecemos de forma especial aos docentes da UNAM – University of Namibia na pessoa de Paavo Hashela e Vilima Haukongo.

Agradecemos também à professora Doutora Riikka Halme, à Escritora Cecília Ndanyakukwa, ao Senhor Bispo Dom Pio Hipoyati, ao Sr. Pedro Tongeni, aos Padres Gerardo Namol, Virginio Lidinikeni, Emanuel Belchior Valipo, Brito Hishidimbwa, ao Sr. Francisco Rubeni, à Sra Paulina Tuyoleni, à Dr.^a Patrícia E. Shikuleinge, ao Dr. Leonardo Tuyenikumwe Pedro, ao Professor Doutor Narciso Felix Nhulilivalie, à Dr.^a Mariete da Conceição Costa, ao Sr. Graciano Hikelwa, ao professor Judas Tadeu Liongeni, à Sra Kirsti Hamalwa, a todos os entrevistados para este trabalho, e em especial aos meus colegas do Curso de Mestrado.

RESUMO

Antroponímia na Língua Oshikwanyama

Este estudo tem como o tema a *Antroponímia na Língua Oshikwanyama*. A temática visou responder às seguintes questões: há uma harmonização gráfica dos antropónimos da língua *Oshikwanyama* na província do Cunene? Quais são as circunstâncias que orientam a atribuição dos antropónimos entre os *Ovakwanyama*? Quais são as causas da variação gráfica dos antropónimos em *Oshikwanyama*, no quadro sociolinguístico angolano? O principal objectivo é observar os factores e as circunstâncias da atribuição dos antropónimos na língua *Oshikwanyama*.

O *Corpus* de análise é composto por recolhas a partir de recursos fotográficos retirados dos livros do Cartório de Registos Civil e dos livros de registos de baptismo da Diocese de Ondjiva. Para se chegar às etimologias, definições e variações gráficas dos antropónimos foram distribuídas fichas antroponímicas de pesquisa e recorremos a entrevistas a pessoas conhecedoras desta língua e desta cultura.

O estudo limitou-se à língua do povo *Ovakwanyama* de Angola. Para determinar as circunstâncias da atribuição dos antropónimos deste grupo recorreu-se a entrevistas e a algumas obras que fazem a abordagem desta temática. Os resultados foram validados por quatro especialistas em linguística *Oshikwanyama* que, por sua vez, nos permitiram criar uma base de dados de antropónimos que se destina a um público vasto.

Palavras-chave: Língua *Oshikwanyama*, Lexicologia, Antroponímia, Grupo Etnolinguístico *Ovakwanyama*.

ABSTRACT

Anthroponyms in Oshikwanyama

This study focuses on Anthroponyms in Oshikwanyama. Our intention was to answer the following questions: Is there any graphical standardization in anthroponyms in Oshikwanyama, a language spoken in the province of Cunene? What are the circumstances that guide the attribution of anthroponyms for the Ovakwanyama people? What are the causes for graphic variation of anthroponyms in Oshikwanyama in the Angolan sociolinguistic framework? Our main purpose was to observe the factors and the circumstances of the attribution of anthroponyms in Oshikwanyama.

Our corpus of analysis is composed of photographic records taken both from the books of the General Register Office and the Baptism Register of the parish of Ondjiva. In order to arrive at etymologies, definitions and graphic variations of these anthroponyms, we distributed anthroponomical research forms and interviewed people who have deep knowledge of this language and culture.

This study was limited to the language spoken by the Ovakwanyama people in Angola. To determine the circumstances of attribution of anthroponyms in this group we resorted to interviews and specific literature on this subject. Four experts in Oshikwanyama linguistics validated the results, and this has allowed us to create a database of anthroponyms targeted at a vast audience.

Keywords: Oshikwanyama language, Lexicology, Anthroponymy, Ovakwanyama ethnolinguistic group.

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1: Localização da província do Cunene	5
Ilustração 2: Espaço habitado pelo grupo etnolinguístico dos Ovakwanyama do Cunene nº 2 ...	7
Ilustração 3: Isola o Município do Cuanhama e o de Namacunde, Municípios da Província do Cunene mais habitados pelos <i>Ovakwanyama</i> nº 3.	7
Ilustração 4: Base de dados da Língua Oshikwanyama em Excel	57
Ilustração 5. Base de dados de antropónimos da língua Oshikwanyama em Access nº 1.....	58
Ilustração 6. Base de dados de antropónimos da língua Oshikwanyama em Access nº 2.....	59
Ilustração 7. Base de dados de antropónimos da língua Oshikwanyama em Access nº 3.....	60
Ilustração 8. Base de dados de antropónimos da língua Oshikwanyama em Access nº 4.....	61
Ilustração 9. Assento de Nascimento de 2010	- 1 -
Ilustração 10. Assento de Nascimento de 1984	- 2 -
Ilustração 11. Assento de Nascimento de 1985.....	- 3 -
Ilustração 12. Assento de Nascimento de 1984.....	- 4 -
Ilustração 13. Assento de Nascimento de 1984.....	- 5 -
Ilustração 14. Assento de Nascimento de 1984.....	- 6 -
Ilustração 15. Cópia de assento de Baptismo de 2010	- 7 -
Ilustração 16. Cópia de assento de Baptismo de 2010	- 7 -

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Ficha antroponímica Nº 1.....	45
Tabela 2. Ficha antroponímica Nº 2.....	45
Tabela 3. Ficha antroponímica Nº 3.....	46
Tabela 4. Ficha antroponímica Nº 4.....	47
Tabela 5. Ficha antroponímica Nº 5.....	47
Tabela 6. Ficha antroponímica Nº 6.....	48
Tabela 7. Ficha antroponímica Nº 7.....	48
Tabela 8. Ficha antroponímica Nº 8.....	49
Tabela 9. Ficha antroponímica Nº 9.....	50
Tabela 10. Ficha antroponímica Nº 10.....	50
Tabela 11. Ficha antroponímica Nº 11.....	51
Tabela 12. Ficha antroponímica Nº 12.....	51
Tabela 13. Ficha antroponímica Nº 13.....	52
Tabela 14. Ficha antroponímica Nº 14.....	53
Tabela 15. Ficha antroponímica Nº 15.....	53
Tabela 16. Ficha antroponímica Nº 16.....	54
Tabela 17. Ficha antroponímica Nº 17.....	55
Tabela 18. Ficha antroponímica Nº 18.....	55
Tabela 19. Ficha antroponímica Nº 19.....	56
Tabela 20. Ficha antroponímica Nº 20.....	56

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I - CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO ETNOLINGUÍSTICO OVAKWANYAMA	4
1.1. Localização Geográfica dos Ovakwanyama	6
1.2. Origem Histórico-Cultural do termo Ovakwanyama	8
1.3. Alguns Aspectos Culturais dos Ovakwanyama	8
1.3.1. Rito de Iniciação (Efundula) entre os Ovakwanyama	9
1.3.2. O Casamento entre os Ovakwanyama	10
1.4. O Nascimento e o Antropónimo entre os Ovakwanyama	11
1.5. Atribuição dos Antropónimos entre os Ovakwanyama	12
1.6. Influência cristã na atribuição dos Antropónimos dos Ovakwanyama	15
1.7. A Lei angolana n.º 10/85 e a atribuição dos antropónimos na língua Oshikwanyama 16	
1.8. Alguns aspectos da língua Oshikwanyama	18
1.9. O Alfabeto da língua Oshikwanyama	22
1.10. Antropónimos em Oshikwanyama	23
CAPÍTULO II - FUNDAMENTOS TEÓRICOS	24
2.1. Onomástica	24
2.2. Linguística e Onomástica	26
2.3. Lexicologia e Antroponímia.....	28
2.4. Antroponímia	30
2.5. Antroponímia e Morfologia	33
2.6. Antroponímia e Fonética	35
2.7. Antroponímia e Semântica.....	36
2.8. Antroponímia e Toponímia	38

CAPÍTULO III - PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS: ANÁLISE DOS ANTROPÓNIMOS NA LÍNGUA OSHIKWANYAMA.....	40
3.1. Constituição do Corpus.....	40
3.2. Análise do Corpus.....	41
3.3. Delimitação da análise.....	43
3.4. Fichas antroponímicas.....	44
3.5. Base de dados de antropónimos.....	57
3.5.1. Base de dados de antropónimos em Excel	57
3.5.2. Base de dados de antropónimos em Access.....	58
6. CONCLUSÃO	62
7.1. Bibliografia Geral	64
7.2. Gramáticas	68
7.3. Dicionários.....	68
7.4. Documentos Oficiais.....	69
8. ANEXOS.....	- 1 -
8.1. Anexo nº 1. Cópias integrais dos livros de acento de nascimento.....	- 1 -
8.2. Anexo nº 2. Cópias retiradas dos livros de baptimo da igreja católica Missão de Omupanda, diocese de Ondjiva-Cunene.....	- 7 -

INTRODUÇÃO

A Antroponímia tem interessado vários estudiosos em muitos países, nos últimos anos. Tudo indica que a variação gráfica dos nomes e a necessidade de harmonização dos mesmos, em muitos países, podem ser considerados como causas que tem estado na base deste incentivo. Todavia, existem várias perspectivas sobre o estudo dos nomes de pessoas; autores como Dick (1990), Hosokawa e Nolasco (2012) defendem que, nos dias de hoje, a atribuição de nomes já não representa a sua função referencial como noutros tempos.

Outros autores, como González (2000, p.12), defendem também que a onomástica pessoal é um verdadeiro sistema de classificação e catalogação dos sujeitos; a comunidade denomina os seus membros em função da sua identidade, através da rede de subgrupos a que se vincula cada um.

Durante este estudo observámos que a maior parte dos nomes perderam o seu sentido real, tal como defende Dick (1990), Hosokawa e Nolasco (2012). Mas ainda existem povos que continuam a preservar a função social do nome. E, nestes casos, a designação atribuída a um indivíduo continua a identificar-se com a personalidade do nomeado, como defende González (2000).

No respeitante à Antroponímia, em Angola, existe pouca bibliografia. No entanto, a dissertação de Mestrado de Serrote (2015) sobre a *Antroponímia da Língua Kimbundu em Malanje* apresenta um carácter inovador; este autor constatou que a atribuição de antropónimos varia de cultura para cultura.

Há outros autores que antecederam Serrote (2015), como Estermann (1960) que descreveu os nomes mais comuns entre os ovakwanyama; Lima (1977) dedicou alguns parágrafos aos nomes entre os ovakwanyama; Ndanyakukwa (2016) elaborou um pequeno dicionário denominado *Dicionário de Nomes em Oshikwanyama*, que apresenta o significado de alguns antropónimos em Oshikwanyama.

Sendo a Antroponímia o estudo dos nomes de pessoas, como defendem todos os autores assim, Namolo (2015, p. 26) afirma que

“Dizer o significado exacto do nome kwanyama – sobretudo de carácter linguístico-sapiencial e proverbial – não é fácil para alguém, não suficientemente iniciado neste idioma, para compreender cabalmente o significado dum antropónimo ou mesmo até dum topónimo, deste ou neste idioma.”

Não é fácil decifrar o significado dos antropónimos da língua *Oshikwanyama*, como referiu Namolo (2015). Por isso, procurámos introduzir neste trabalho alguns elementos culturais dos *Ovakwanyama* com destaque para a sua localização geográfica, a origem do termo *Ovakwanyama*, a atribuição dos antropónimos entre os *Ovakwanyama*.

Apresentamos também a lei que regula a atribuição dos antropónimos, em Angola, para vermos até que ponto funciona junto destas populações e nos ajuda a compreender o léxico antroponímico da língua *Oshikwanyama*.

Assim sendo, elegemos como objecto de estudo para este trabalho, a *Antroponímia no grupo etnolinguístico Ovakwanyama*,

O principal objectivo é observar os factores e as circunstâncias da atribuição dos antropónimos na língua *Oshikwanyama*.

Assim, formulamos os seguintes **objectivos específicos**:

1º - Descrever a influência do português na atribuição dos antropónimos na língua *Oshikwanyama*.

2º- Identificar os principais factores de atribuição dos antropónimos em *Oshikwanyama*.

3º- Construir uma base de dados dos antropónimos na língua *Oshikwanyama* para o grande público.

4º- Tratamento dos dados recolhidos em entrevistas, documentos e arquivos dos cartórios notariais.

5º- Proposta de harmonização gráfica dos antropónimos na língua *Oshikwanyama*.

A escolha do tema deste estudo deveu-se a uma pesquisa efectuada no âmbito da realização de um trabalho de fim de curso desenvolvido por João Evangelista Lombe e Toivo Evaristo Haipinge, para à obtenção do título de licenciado em Ciências da Educação, opção História, no INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO ISCED – HUÍLA, em Angola 2012, com o tema: «A Influência do Cristianismo na Cultura dos *Ovakwanyama* do Cunene», sob a orientação da Dr.ª Mariete da Conceição Costa e coorientado pelo Dr. Narciso Félix J. *Nhulilivali*.

Neste trabalho, observámos também “a Influência do Cristianismo sobre os antropónimos dos *ovakwanyama*” (cf.2.3.5-).

Esta investigação apresenta a seguinte estrutura: preliminares, o primeiro capítulo denominado – **Caracterização do grupo Etnolinguístico Ovakwanyama do Cunene** apresenta a localização geográfica, a origem do termo Ovakwanyama e outros aspectos culturais do povo Kwanyama, particularidades necessárias antes de se efectuar a abordagem da Antroponímia no grupo etnolinguístico *Ovakwanyama*.

O segundo capítulo **Fundamentos Teóricos** contém uma abordagem teórica, mostrando as várias perspectivas das relações entre a Antroponímia e a Lexicologia.

O terceiro capítulo – **Princípios Metodológicos: Análise dos Antropónimos da Língua Oshikwanyama**: fizemos o tratamento do *corpus* de antropónimos da língua *Oshikwanyama*; apresentamos as análises dos antropónimos e elaborámos uma base de dados de antropónimos, contendo as informações relativas a esses mesmos antropónimos.

Por último, a estrutura deste trabalho apresenta ainda a **Conclusão**, a **Bibliografia e os Anexos**.

CAPÍTULO I

CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO ETNOLINGUÍSTICO OVAKWANYAMA

O povo *Ovakwanyama* vive na região do Sul de Angola e dispõe de uma imensa cultura baseada principalmente no *modus vivendi*, produção artística, símbolos, ritos, religião e atribuição de antropónimos, aspectos que fazem parte da cultura deste povo; é neste contexto, que procuramos abordar a antroponímia como um fenómeno cultural. Este povo pertence ao subgrupo dos *Ovawambo* que por sua vez, integra o grande grupo linguístico Bantu da África subsaariana.

Segundo Werner (1919, *apud.* Ngunga, 2004, p. 24), o termo *bantu* foi empregue pela primeira vez por Bleek em 1851; foi também Bleek que designou de

“pronominal prefix languages as línguas da África subsaariana, comparou e observou a existência de um sistema comum de concordância por meio de prefixos, utilizou pela primeira vez o termo Bantu para se referir a estas línguas».”

Na verdade, o povo *Ovakwanyama* pertence ao grupo Bantu e fala a língua *Oshikwanyama*; junto dele encontram-se outros povos, os *Ovawambo*¹ repartidos entre a República de Angola e a Namíbia:

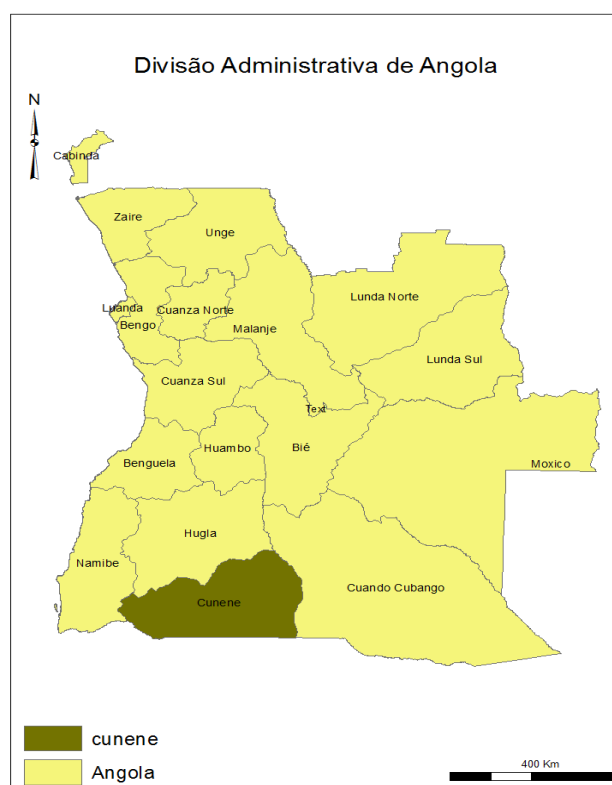
«Oshiwambo fala-se no extremo Sudoeste de Angola e no noroeste da Namíbia. (...) No etnónimo Ovawambo, o prefixo nominal é -va-, em quanto que o o- é a vogal inicial» (Lusakalalu, 2005, p. 17).

Os *Ovakwanyama* de Angola, de uma forma geral, não são falantes de *Oshiwambo*, mas de *Oshikwanyama* que tem um estatuto de língua nacional, em

¹ Oshiwambo tem os seguintes sub-grupos: Ovandongu, Ovakwambi, Ovangadjera, Ovambalanu, Ovakwaludi, Ovakwalonghadi, Ovambadja, Ovavale, Ovafima, Ovaunda, Ovandombodola e os Ovakwanyama, em análise neste estudo.

Angola ao contrário da Namíbia, onde a língua *Oshikwanyama* é tida como um dialecto da língua *Oshiwambo*.

Por esta razão, a nossa opinião é diferente da perspectiva de Lusakalalu (2005). Na mesma linha de pensamento, o Departamento de Investigação Científica Aplicada do Instituto Nacional de Línguas em Angola (1980, p. 147) assegurou que: “o grupo dos *Ovawkwanyama* estende-se por uma área linguística entre Mupa (Província do **Cunene**) e Ovambo, ao Norte da Namíbia”.



**Ilustração 1: Localização da província do Cunene
no espaço territorial angolano nº 1.**

Mapa elaborado por Judith Maia José Epalanga Matias, Mestranda em Gestão do Território, Especialidade Detecção Remota e Sistema de Informação Geográfica, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, data de elaboração: 28.01.2017.

1.1. Localização Geográfica dos Ovakwanyama

Entre os povos Bantu que habitam o actual território de Angola, encontra-se o subgrupo etnolinguístico *Ovakwanyama* do Cunene, cuja caracterização deve ser feita antes de se abordar a Antroponímia deste Grupo.

Do ponto de vista da localização geográfica, os *Ovakwanyama* localizam-se no sul de Angola na actual Província do Cunene e no norte da Namíbia.

Sobre a sua localização, Wheeler e Pélissier (2009, p. 57) afirmam que os *Ovakwanyama* são

“uma etnia do grupo dos Ovawambo de língua bantu, que habita a região árida a leste do rio Cunene, adjacente à fronteira meridional da África Ocidental e que, no início do século XIX, consolidou um estado unificado sob o rei Aimbiri (1805?-54).”

Torna-se mais fácil fazer-se a localização geográfica dos *Ovakwanyama* partindo do subgrupo Bantu *Ovawabo*. Assim, apresentamos neste estudo a localização dos *Ovawambo*, segundo Estermann (1960) e Guebe (2008).

De acordo com Estermann (1960, pp. 78-79)

“a terra habitada pelos Ambós² faz parte da depressão do interior da África Austral, cujo centro é constituído pelo deserto do Calahari. Situa-se no funil aberto para o sul, formado pelos rios Cunene e Cubango, abrangendo o espaço que vai do 16.º grau de latitude sul até à fronteira, ou até perto do lago Etocha, querendo incluir a totalidade do território ocupado pelos Ambós. A sua altitude é de 1100 m em média.”

A delimitação feita por Estermann, em 1960, faz menção ao espaço geográfico de origem e da habitação actual dos *Ovakwanyama* de Angola e do norte da Namíbia enquanto subgrupo etnolinguístico dos *Ovawambo*.

² Onde os autores se referirem a Ambós, Ndonga, Kwambi, Ngandjera, Mbalantu, Kualundi, Kolonkati, Cuamato ou Ombadja, Vale, Cafima e Dombondola deve entender-se por Ovawambo, Ovandongá, Ovakwambi, Ovangadjera, Ovambalanu, Ovakwaludi, Ovamkwalonghadi, Ovakwamatwi ou Ovambadja, Ovavale, Ovakafima e Ovakwanyama, respectivamente.

Nesta mesma perspectiva, Guebe (2008, p. 28) considera que «Os *Ovawkwanyama* localizam-se no centro e sul da actual província do Cunene».

Quanto à localização dos *Ovawkwanyama* do Cunene, a nossa opinião é idêntica à de Guebe (2008), de Wheeler e Pélissier (2009) por serem as mais actualizadas e corresponderem às mais recentes delimitações étnicas.

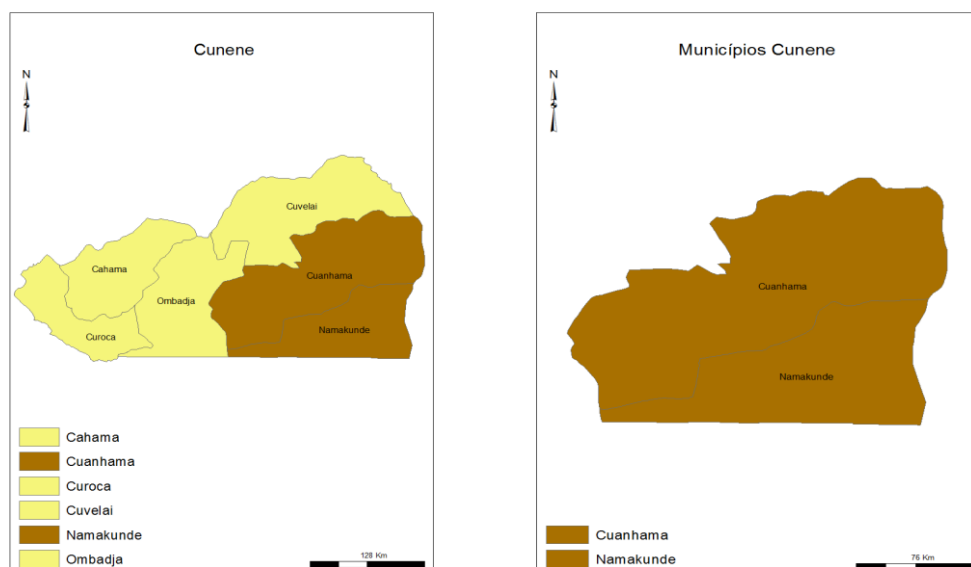


Ilustração 2: Espaço habitado pelo grupo etnolinguístico dos *Ovawkwanyama* do Cunene nº 2

Ilustração 3: Isola o Município do Cuanhama e o de Namakunde, Municípios da Província do Cunene mais habitados pelos *Ovawkwanyama* nº 3.

Mapas elaborados por Judith Maia José Epalanga Matias, Mestranda em Gestão do Território, Especialidade Detecção Remota e Sistema de Informação Geográfica, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, data de elaboração, 28.01.2017.

No mapa nº 2, apresentamos a Província do Cunene e a sua divisão administrativa. Assim, o mapa nº 3 foi criado com o propósito de se isolar os dois municípios, onde se fala maioritariamente a língua *Oshikwanyama* ainda que esta

língua seja também falada no Sul do município do Cuvelai, concretamente na Comuna da Mupa.

A língua *Oshikwanyama* não é falada, em geral, noutras regiões de Angola. No entanto, procuramos isolar a zona tradicional dos falantes desta língua.

1.2. Origem Histórico-Cultural do termo *Ovakwanyama*

Partindo do pressuposto de que todas as palavras na língua têm uma origem, a palavra *Ovakwanyama* deriva de *onyama* que em português significa carne.

Assim, para damos uma explicação mais concisa a respeito da origem da palavra *Ovakwanyama*, o nosso estudo ir-se-á apoiar nos trabalhos de Lima (1977), de Lourenço (2003) e de algumas pessoas conhecedoras da cultura deste povo.

Referindo-se à origem da palavra *Ovakwanyama* ou *kuanhama* (forma aportuguesada), Keiling (1935, p. 141, *apud.* Lourenço 2003, p. 71) defende que

«os caçadores (...) saudando-se mutuamente: “Tuenda k’onhama” (vamos para a caça) – “tuenda” (vamos) “ko” (para) “onhama” (carne). Assim apareceu o vocábulo Kuanhama».

Algumas entrevistas mantidas com os “mais velhos” mostram que o termo *Ovakwanyama* tem a sua origem na carne e os povos ficaram conhecidos como “os da carne”.

Assim, os estudos recentes levados a cabo por Lourenço (2003, p. 71) mostram que “Os etimologistas são unânimes em fazer derivar a palavra *Kuanhama* de “onhama” (carne)”.

1.3. Alguns Aspectos Culturais dos *Ovakwanyama*

Nesta alínea, apresentamos uma descrição de algumas particularidades que caracterizam a cultura do povo *Ovakwanyama* do Cunene.

Segundo Altuna (1993 pp. 9-10),

“Os povos Bantu criaram um conjunto de ideias, atributos, hábitos, crenças e ritos, significados, símbolos, valores, concepções estéticas, organização social e costumes que formam o ambiente sobreposto ao puramente natural dado e informam um modo de vida organizado transmitido sem descontinuidade.”

Os aspectos culturais acima enunciados, sucintamente, caracterizam os *Ovakwanyama* e continuam vivos em harmonia com a globalização contemporânea. Por esta razão, julgamos importante apresentar de uma forma breve estes aspectos que caracterizam a cultura dos *Ovakwanyama* antes de abordarmos a análise dos antropónimos.

1.3.1. Rito de Iniciação (Efundula) entre os Ovakwanyama

Os estudos desenvolvidos por vários investigadores como Estermann (1960), Lima (1977), Monteiro (1994) e Sweet (2007) mostram que é característico de todos os povos bantu da África subsariana a realização de ritos de iniciação da passagem da infância à vida adulta. Assim, Sweet (2007, p. 53) afirma que

“Um dos marcos mais importantes na vida da maioria dos africanos era o ritual de passagem da infância à idade adulta. Um pouco por todo o continente africano, esta transição era reconhecida através de uma série de cerimónias que visavam tornar o rapaz ou a rapariga num membro produtivo da sociedade. Durante a adolescência, rapazes e raparigas eram retirados das suas comunidades para aprender os deveres e responsabilidades do respectivo sexo”.

Os ritos de iniciação existem em quase por todas as sociedades de África, conforme diz Sweet (2007); no entanto, o nosso estudo pretende trazer uma abordagem sobre a festa da puberdade feminina entre os *Ovakwanyama*: a

“*Efundula*”. Uma vez que, a “*Efundula*” contribui para manter vivo o arquivo antroponímico das antigas famílias reais dos *Ovakwanyama*.

Segundo Monteiro (1994, p.100), a *Efundula*

“é a designação atribuída a esta cerimónia da puberdade das raparigas ou, melhor ainda, à sua festa de noivado porque, de facto, tal rito não se realiza na idade da puberdade fisiológica, que ocorre por volta dos 14 anos, mas sim posteriormente, aos 16 ou 17 anos”.

Ainda sobre a *efundula*, como rito de puberdade, Lima (1977, p.174) afirmou que funciona como a “confirmação do noivado oficial, que consagra a rapariga apta a contrair matrimónio a qualquer momento”.

Durante o rito, as raparigas adoptam nomes de antigos reis importantes nesta sociedade; mas no final deste período perdem estes nomes e ficam com os nomes anteriores.

Os estudos realizados ainda pelo Estado Colonial Português, na região de *Oukwanyama*, e publicados no Mensário Administrativo, em 1948, confirmam a *efundula* como uma grande manifestação cultural dos *Ovakwanyama* e descreve-a como “*uma grande festa Kwanyama, de quatro dias, pela passagem da qual as raparigas se consideram mulheres*” (Mensário Administrativo n.º 6, 1948, p. 45).

1.3.2. O Casamento entre os Ovakwanyama

O casamento na sociedade bantu encerra uma união entre as famílias, clãs, linhagens tem um valor histórico-cultural e uma ampla dimensão na distribuição das responsabilidades para as partes envolvidas.

Segundo Monteiro (1994, p.99), o casamento dos *Ovakwanyama* “*é precedido de um rito de passagem, sem o qual a rapariga não se encontra apta a contrair o matrimónio*”. Este rito a que se refere Monteiro é a festa da puberdade que se realiza na comunidade dos *Ovakwanyama* a chamada *efundula* já abordado no ponto anterior.

1.4. O Nascimento e o Antropónimo entre os Ovakwanyama

Para os *Ovakwanyama*, ser estéril é motivo de descontentamento e até mesmo de separação para o casal. Por isso, ter um elevado número de filho é sinónimo de riqueza porque estes irão servir como mão-de-obra, na sua lavra, o que ajudará a ter uma quantidade de mantimentos.

Por este motivo, Neto (1963, p. 54) descreve que

“O nascimento é motivo de grande alegria e de orgulho para os pais: uma das grandes ambições dos Cuanhama é terem muitos filhos”.

Segundo o etnógrafo Estermann (1960, p. 88), a atribuição do nome a uma criança pode ser feito no prazo de quatro dias depois do parto e a mãe pode sair do quarto. Antes, porém, já o pai procedeu à imposição do nome ao recém-nascido.

Mas segundo Lima (1977, p. 138)

“passados cinco dias do parto, o pai procede à imposição do nome ao filho. Reúne as mulheres no “olupale”, com a parturiente, e escolhe o nome da criança. E todas repetem os gritos de alegria. Diridiridiridiriri”³.

Segundo as pessoas consultadas durante este estudo, a imposição do nome ao recém-nascido depende do dia da queda do cordão umbilical da criança; por este facto, os autores acima referidos não apresentam unanimidade quanto ao número de dias necessários para a criança sair do quarto e receber o respectivo nome.

A atribuição de antropónimos neste grupo será abordada com maior profundidade no ponto seguinte.

³ Lima, (1977) interpreta o grito de alegria dos Ovakwanyama por *Diridiridiridiriri*, mas na realidade é *Wililililililililiii...*

1.5. Atribuição dos Antropónimos entre os Ovakwanyama

Dick (1990, p. 189) a propósito da nomeação afirma o seguinte:

“a nomeação dos homens, ainda e sempre, será, preocupação constante em qualquer ambiente que necessite da diferenciação de seus membros para concretizar o seu dinamismo interno.”

Assim, o “nome próprio” na sociedade, em geral, e nos *Ovakwanyama*, em particular, transmite os aspectos culturais, o modo de vida da sociedade, o meio circundante; na atribuição de nomes evoca-se a inclinação profissional, as qualidades e as capacidades de resolução de problemas do indivíduo na sociedade em que estará inserido.

Segundo Hasheela (2013), na língua *Oshikwanyama*, assim como noutras línguas, os nomes têm proveniência em várias palavras da léxico comum. O autor defende que, geralmente, em *Oshikwanyama*, os nomes atribuídos aos homens começam na maioria dos casos por **(Ha)** enquanto nas mulheres começam normalmente por **(Na)**.

Para Hasheela (2013), o nome é para os *Ovakwanyama* um elemento que funciona como um veículo de transmissão das manifestações culturais e naturais assim como nele se pode entender o *modus vivendi*.

Segundo Estermann (1960, p. 88), os *Ovakwanyama* não enfrentam grandes problemas para atribuir nomes aos seus filhos porque “Alguém que nasceu durante a noite (*oufiku*) será *Haufiku*, tratando-se de um rapaz, e *Naufiku*, sendo rapariga”.

As informações por nós obtidas, durante este estudo, resultantes das conversas mantidas com pessoas conhecedoras da cultura dos *Ovakwanyama*, na Província do Cunene, mostrou que os nomes citados por Estermann, nos seus estudos, em 1960, apresentam-se como sendo os mais comuns entre os *Ovakwanyama*.

À semelhança de Estermann (1960), os estudos mais recentes de Namolo (2011, p. 37) mostraram que

“O nome, na cultura e tradição de Ovawambo-kwanyama, não é um simples aposto ou atributo. Pelo nome dado a alguém, pode-se perceber as circunstâncias do nascimento, da concepção, da vizinhança, da pobreza, da riqueza e das situações climatérico-meteorológicas”.

Tendo em conta a função atribuída ao nome na identificação do sujeito em qualquer que seja a sociedade, González (2000, p. 12) defendeu que:

“O nome pessoal funciona como um importante elemento “socializador” que marca a pertença a uma comunidade linguístico-cultural e, modernamente, nacional. Mas por outro lado, a denominação dos sujeitos insere-se noutra dinâmica que podemos designar como “intracomunitário”, porque ao nome pessoal juntam-se os sobrenomes que constituem inicialmente elementos descritivos da categoria (familiar, territorial etc.)”.

Hoje, as novas gerações dos *Ovakwanyama* conservam ainda com algum rigor os antropónimos que tem uma importância forte no processo de socialização do indivíduo.

Saraiva (1971), nos seus estudos antroponímicos, reconhece a importância do nome que irá viver com o indivíduo até ao resto da vida. O autor chama a atenção para a grande responsabilidade social no processo de atribuição de nomes e afirma que

“Dar um nome a um filho parece mais difícil e essencial do que trazê-lo ao mundo. Porque é o nome que o traz verdadeiramente ao mundo. E tanto assim é que muita gente já tem o nome da criança antes dela nascer ou antes de se saber quem é o pai dela” (Saraiva, 1971, p. 6).

Por isso, para os *Ovakwahyama*, assim como para os outros povos de Angola, o nome não é dado por acaso. O nome reflecte as culturas, as vivências e as crenças.

Na mesma perspectiva, Santos (2003, p. 229) afirma que o antropónimo é uma identificação que a pessoa recebe e como tal, está presente na vida cotidiana e será

“simultaneamente, expressão e reflexo da mentalidade daquele que o determina e do meio social em que esta inserido”.

Através do antropónimo dos *Ovakwanyama* pode perceber-se as circunstâncias do nascimento.

A comunidade científica, assim como todas as sociedades interessadas pela cultura da região de *Oukwanyama*, têm o conhecimento de que a “onomástica primitiva” dos *Ovakwanyama* e a dos *Ovawambo*, em geral, caracteriza-se por uma quantidade de antropónimos provenientes de “denominações de animais e da natureza”.

Neste estudo, queremos fazer uma análise de alguns antropónimos dos *Ovakwanyama* com as referidas proveniências.

Segundo Andrade (2007, p. 111),

“Nas línguas bantu, a estrutura morfológica dos nomes consiste no radical precedido do prefixo de classe a que o nome pertence. Quando o nome não é primitivo, isto é, deriva de outro ou de um verbo, para além do prefixo há, muitas vezes, modificações da vogal final”.

Vejamos, por exemplo, a prefixação do nome *Mwatilifange*: temos o prefixo Mwa que designa a terceira pessoa do plural que se associa à base Tilifange, formando assim o nome composto de *Mwatilifange*.

1.6. Influência cristã na atribuição dos Antropónimos dos Ovakwanyama

Neste ponto, explicamos o modo como a religião tem influenciado o processo de atribuição dos antropónimos de muitos povos e dos *Ovakwanyama*, em particular.

Segundo Namolo (2015, p. 47-48),

“Assim, como na mentalidade bíblica, os nomes em oshikwanyama também têm muita importância sapiencial porque revelam a missão (profissão) de uma pessoa na sociedade da qual ela é parte integrante “de jure et facto”.

Este autor (2015) considera que as designações de origem bíblica ou cristã revestem-se da mesma importância que as designações atribuídas pelos *Ovakwanyama*. Neste caso, Santos (2003) considera normal que as pessoas escolham os nomes dos seus filhos influenciadas por questões de natureza religiosa ou por uma particularidade especial de relação com a família ou de amizade. O autor considera ainda que face a este aspecto, os nomes de pais, avós ou bisavós que eram, frequentemente, atribuídos às crianças, por razões de solidariedade, com o decorrer dos tempos passaram a ser substituídos por antropónimos de ordem religiosa.

Sobre a influência religiosa nos antropónimos, Dick (1990, p. 182) aponta que

“As influências religiosas podem ser interpretadas como “preocupações de ordem mística”, de qualquer natureza, com a finalidade específica de convocar a proteção dos deuses sobre os recém-nascidos”.

A verdade é que tanto os antropónimos na língua *Oshikwanyama*, como noutras línguas, reflectem a presença da influência religiosa.

Como prova disto, Chaves (s.d., p.177) defende que

“A influência religiosa na escolha desses nomes foi sempre grande em Portugal. A religião católica, por ter sido sempre oficial, e pela devoção fiel dos portugueses ao culto e à tradição da Igreja, exerceu influências fundamental na Antroponímia e na Toponímia. Esta acção sugestiva de ideia cristã estendeu-se, na época dos descobrimentos e das conquistas ultramarinas, a todas as costas continentais e insulares, aonde chegaram os portugueses”.

Os antropónimos dos povos, em análise, apresentam uma certa influência cristã. No entanto, os primeiros cristãos a instalarem-se nesta região de *Oukwanyama* foram os Luteranos, mas, hoje a região é maioritariamente católica.

1.7. A Lei angolana n.º 10/85 e a atribuição dos antropónimos na língua Oshikwanyama

Angola, à semelhança de muitos países do mundo, criou através da Comissão Permanente da Assembleia do Povo a Lei n.º 10/85 de 19 de Outubro; esta lei veio alterar a lei n.º 10/77 de 9 de Abril, que anteriormente regulava a composição dos nomes dos cidadãos, assim como fixava em quatro o número de antropónimos para cada cidadão. Com efeito, a lei n.º 10/85, veio mostrar que havia necessidade da legislação se ajustar à realidade angolana.

Apesar a Lei n.º 10/85 de 19 de Outubro aumentar o n.º de antropónimos dos cidadãos para cinco e no máximo seis, destacamos que com esta lei passou-se a regular o tipo de antropónimos que devem ser atribuídos aos cidadãos com vista a assegurar a função social do nome.

Assim, os números do artigo 1.º dizem o seguinte:

1. O nome completo compor-se-á, no máximo, de cinco vocábulos gramaticais simples, dois dos quais só podem corresponder ao nome próprio e os restantes apelidos.

2. Em casos devidamente justificados, atendendo à composição dos apelidos dos progenitores, o número máximo dos vocábulos poderá ser elevado a seis, mantendo-se contudo o limite de dois para o nome próprio.
3. Os nomes próprios, ou pelo menos um deles, será em língua nacional ou em língua portuguesa.
4. Os nomes próprios em outras línguas serão admitidos na sua forma originária ou adaptada.
5. Os apelidos são obrigatórios e serão escolhidos entre os pertencentes às famílias paterna, materna ou ambas dos progenitores do registando. No caso dos progenitores do registando não terem apelido, será este escolhido pelo declarante, de preferência de acordo com o funcionário perante quem for prestada a declaração.

Enquanto os números do artigo 2.º da mesma lei dizem:

1. Os conservadores só poderão recusar a escolha dos nomes que se mostrem manifestamente inadequados à luz da dignidade e seriedade de que se deve revestir a atribuição do nome às pessoas.
2. Da recusa cabe recurso hierárquico nos termos gerais previstos no Código do Registo Civil, faculdade de que deverá ser obrigatoriamente comunicada aos interessados.

A mesma Lei, no n.º 5 do artigo 1.º, torna obrigatório o uso de apelidos e nos casos em que não existem apelidos nos progenitores podem ser escolhidos pelo declarante na presença do funcionário.

Olhando para a cultura dos *Ovakwanyama* do Cunene e segundo as informações dos nossos informandos, os indivíduos desta sociedade só possuíam um nome.

Neste caso, a lei vem alargar o número de nomes para este povo. Por outro lado, a Lei n.º 10/85 de 19 de Outubro ao estabelecer que a composição do nome próprio só se deve juntar a um nome em língua nacional, pode eventualmente

empobrecer o léxico das línguas nacionais angolanas e, em particular, o oshikwanyama. Uma vez que a Lei n.º 10/85 de 19 de Outubro está a limitar o uso do léxico destas línguas, a tendência é muitas palavras entrarem em desuso empobrecendo assim estas línguas.

Os cidadãos devem ter a liberdade de compor os nomes próprios dos seus filhos, em línguas nacionais, desde que respeitem o número de antropónimos fixados pela Lei.

1.8. Alguns aspectos da língua Oshikwanyama

Para Fernandes & Ntondo (2002), a língua *Oshikwanyama* é falada na Província do Cunene, localizada no Sudoeste da actual República de Angola. Todavia, a guerra e o sistema do apartheid na África do Sul que atingiu a Província do Cunene obrigou os *Ovakwanyama* a instalarem-se na Província Huíla e assim, acabaram por lá deixar a sua influência linguística.

Os autores afirmam que a língua *Oshikwanyama* é falada no Norte da República da Namíbia, onde os *Ovakwanyama* são o grupo maioritário, sendo a sua língua a mais difundida. Por este facto, esta língua desempenha uma função “plurifuncional”, com destaque para o ensino obrigatório até à terceira (3.ª) classe.

Segundo Fernandes & Ntondo (2002), a língua *Oshikwanyama* ganhou o estatuto de língua nacional e, hoje em dia, tem um espaço nas escolas. Esta língua tem as seguintes variantes: *Evale, Kwamato; Ndombodola; Kafima e Ombanja*⁴ (Fernandes & Ntondo, 2002, pp. 52-53).

⁴ Onde o autor escreve (*Evale, Kwamato; Ndombodola; Kafima e Ombanja*) como sendo variantes da língua Oshikwanyama, deve entender-se por: *Oshivale*, *Oshindombodola, Oshikafima e Oshimbadja* porque a primeira grafia remete-nos para topónimos e não para a língua.

O Oshikwanyama enquanto língua nacional de Angola valorizada no contexto local, nacional e regional é definida pelo Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2005), norma brasileira, como sendo uma “*Língua do grupo Xikwanyama falada em Angola pelos Cuanhamas*”.

Esta língua tem merecido uma abordagem científica de vários autores: o caso do padre Ernesto Leconte (1949), com a sua obra denominada “*O pequeno método de aprender Português para o uso dos povos do Cuanhama*”; Hashela (1985) autor da obra “*Oshikwanyamenena Shipe*”; Mbenzi (2011), autor da obra “*Oshiwambo Common Phrases and Expressions English Oshikwanyama*”; Baio e Júnior (2014), autores da obra “*Fonologia e Morfologia do Kwanyama (R21)* ”; o encontro sobre a questão do alfabeto e ortografia de *Oshikwanyama*, organizado pelo Instituto de Línguas Nacionais, Angola (2006) e Namolo (2015) com a obra “*A Língua Nacional (E Regional) Oshiwambo-Kwanyama*”. Os autores têm levantado assuntos de diversa natureza em torno da língua *Oshikwanyama*.

Segundo Lusakalalu (2005), a língua *Oshikwanyama* é vista, no contexto linguístico bantu, como uma variante de *Oshiwambo*. Neste caso, o *Oshiwambo* fala-se⁵ concretamente na região sudoeste de Angola e no norte da Namíbia. Ali estão incluídos todos os grupos aparentados da região de *Owambo*: *Ovambadja*, *Ovavale*, *ovakafima*, *ovaunda*, *ovandonge*, *ovambalanhu*, *ovakwambi*, *ovangandjela*, *ovakwaludi*, *ovakolonhadi*, *ovandombodola* e, os *Ovakwanyama*. Este último é o grupo em que irá recair a nossa análise antroponímica neste trabalho.

No caso de Kwamato não o fizemos constar nas variantes linguísticas de Oshikwanyama porque não existe como língua, mas sim como um topónimo habitado pelos Ovambadja falantes de Oshimbadja já referenciado pelo autor acima.

⁵ A nossa opinião e a dos nossos informantes conhecedores desta cultura e da língua Oshikwanyama é relativamente contrária a esta afirmação de Lusakalalu (2005), porque Oshiwambo como língua não existe. Neste caso, a palavra é simplesmente usada para congregar os doze grupos que já apresentamos acima por reunir as mesmas características linguísticas ou seja, a palavra Oshiwambo é usada no mesmo contexto em que é usada a palavra bantu.

A língua do subgrupo em estudo faz parte da família das línguas bantu. E por esta razão, Gleason (1978) defende que a família das línguas bantu caracteriza-se, geralmente, por uma cadeia de prefixação que indica o género e número, sendo que os nomes têm seguido a dinâmica da prefixação e, em alguns momentos, dispensam a prefixação. O autor considera ainda que

“A difusão das línguas bantu e dos povos que as falam resulta de uma evolução histórica relativamente recente, e estava ainda a processar-se activamente na época dos primeiros contactos com os europeus”
(Gleason, 1978, p. 494).

A língua *Oshikwanyama* tem as seguintes línguas vizinhas: a norte está a língua *Olunyaneka*; a Este encontra-se em contacto com a língua *Oshihelelo* e a Oeste mantem a vizinhança com a língua *Oshindonga* (Fernandes & Ntongo 2002). Ao introduzirmos neste item as línguas vizinhas, não queremos aqui estudar as influências das línguas vizinhas sobre o *Oshikwanyama*. Nem tão pouco, pretendemos fazer uma análise histórica do surgimento dos limites linguísticos entre as línguas dos povos vizinhos sobre o grupo etnolinguístico dos *Ovakwanyama*.

Lusakalalu (2005, p. 18) afirma que

“o falar dos Ovakwanyama chama-se Oxikwahyama, onde o grafema x representa uma fricativa palatal não sonora, como a primeira consoante em Xica ou Xavier. Na Namíbia usa-se uma ortografia em que esta consoante é representada pelos grafemas Sh: Oshikwanyama” (Lusakalalu, 2005, p. 18).

Na verdade, não há dúvida quanto à língua dos *Ovakwanyama*, porque este povo aceita e identifica-se com esta língua de forma natural.

Ainda a respeito da língua *Oshikwanyama*, e dada a sua complexidade, Ernesto Leconte, em 1949, dando continuidade ao ensino da língua portuguesa no território de *Oukwanyama*, elaborou um manual que ficou conhecido como: *O pequeno método de aprender português para o uso dos povos do cuanhama*. Nesta obra, o autor considera

que existe uma irregularidade no processo da escrita das línguas locais, porque são escritas com base nas línguas europeias. Essa prática estava cada vez mais a generalizar-se e, para conter esse fenómeno, era necessário estabelecer regras que não apresentassem dificuldades na escrita das mesmas, criando um alfabeto fonético que aproximasse a escrita da pronúncia das línguas particularmente da língua *Oshikwanyama*.

Leconte (1949, p. 1) considerou que “algumas particularidades do falar dos cuanhamas obrigam a empregar certos sinais diacríticos e assim o “**N**” representa a contração de “**NT**” e pronuncia-se com uma leve aspiração nasal, “**ÑH**” contração de “**NK**” pronuncia-se soando “**N**” como velar, sendo o “**H**” seguinte fortemente aspirado. As duas letras “**NH**” representam o som gutural de “**J**” espanhol”.

As inovações introduzidas no alfabeto fonético da língua *Oshikwanyama* por Ernesto Leconte (1949) visavam facilitar a compreensão. Essas modificações foram introduzidas no “Encontro sobre a questão do alfabeto e da ortografia do *Oshikwanyama*” realizado na cidade de Ondjiva, em 2006.

Deste modo, apresentamos as modificações efectuadas:

O fonema [x] corresponde ao grafema <x> e não <kh>, por exemplo na palavra oxuxwa (“galinha”)

O fonema [ʃ] escreve-se <sh> e não <s>, por exemplo oshifima (“pirão”)

O fonema [ɲ] escreve-se <ny> e não <nh>, por exemplo onyofi (“estrela”)

O fonema [m] escreve-se <mh> e não <m>, por exemplo omhuku (“rato”)
(compare com omuku “respiro”)

O fonema [ŋ] escreve-se <nh> e não <n>, por exemplo onhele (“lugar”)

O fonema [ɲ] escreve-se <ng> e não <ñ>, por exemplo onghoshi (“leão”)

A partir destas modificações, a língua *Oshikwanyama* passou a ser escrita da mesma forma em Angola e na Namíbia, apesar de haver ainda algumas resistências quanto ao processo de harmonização na escrita de várias palavras desta língua em

Angola. Possivelmente, a resistência deve-se à não aprovação do alfabeto da língua *Oshikwanyama* por parte do governo de Angola, apesar de estar em experimentação.

1.9. O Alfabeto da língua Oshikwanyama

O alfabeto da língua *Oshikwanyama* caracteriza-se por 30 (trinta) grafemas resultantes de um acordo realizado entre Angola e a Namíbia, como faz menção o Instituto Nacional das Línguas de Angola.

Assim, temos os seguintes grafemas:

a, aa, b, c, d, j, e, ee, f, ng, h, h, i, ii, k, l, m, n, ny, ŋ, o, oo, p, t, u, uu, v, w, x, y.

No alfabeto da *língua Oshikwanyama* não figura o grafema /R/ pelo facto de não existir esse fonema nessa língua; quanto ao /S/ foi substituído pelo dígrafo /sh/ resultante do acordo ortográfico de 2006.

Segundo Halme (2004), a ortografia da língua *Oshikwanyama* passou durante séculos por várias transformações. A autora defende ainda que esta língua tem uma utilidade em várias áreas, na República da Namíbia, como por exemplo no ensino primário.

O *Oshikwanyama* é usado no ensino da Namíbia e recentemente está em fase de experimentação em Angola.

Em Angola, a maioria das pessoas que escrevem na língua *Oshikwanyama* não dominam as regras de escrita por não terem passados por uma formação do ensino desta língua.

1.10. Antropónimos em Oshikwanyama

O antropónimo é para os *Ovakwanyama* um elemento indispensável e a sua presença nesta sociedade data de muitos séculos, ainda que não haja fundamentos que esclareçam com exatidão o século ou o período em que estes povos começaram a atribuir os nomes às coisas e principalmente aos seus filhos. Ainda que assim seja, a verdade é que a presença e a função do antropónimo nesta sociedade do sul de Angola são reconhecidas por vários autores como Namolo (2011), Estermann (1960), Lima (1977), Monteiro (1994), Neto (1963) e Ndanyakukwa (2016).

Namolo (2011) alerta que poucos sabem escrever ou pronunciar corretamente os nomes de pessoas (antropónimos) e de lugares (topónimos) em *Oshikwanyama*; o autor escreve ainda que não sabe se tal facto acontece por ignorância ou por falta de conhecimento das regras da escrita desta língua.

Segundo Namolo (2011), quando o nome está mal escrito perde a sua originalidade e se for mal pronunciado cria ruído.

Se a escrita dos antropónimos for adulterada pode levar à perda do seu significado ou mesmo a um esvaziamento semântico, como afirma Dick (1990).

Os constantes erros na escrita e na pronúncia na língua *Oshikwanyama* devem-se à falta do ensino desta língua nas escolas em Angola, tal como defendeu Halme (2004).

CAPÍTULO II

FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Neste capítulo, apresentamos algumas considerações teóricas sobre a Onomástica, a Antroponímia e a Lexicologia.

2.1. Onomástica

O termo “Onomástica” tem a sua origem no grego e, cientificamente é considerado como o ramo que tem por objecto de estudo os nomes próprios de coisas e de seres. Tendo em conta a sua generalidade, passou a dividir-se em dois ramos específicos: a “Antroponímia” que estuda os “nomes próprios” dos homens e a “Toponímia” que estuda os “nomes de lugares”. As duas áreas da “Onomástica” em referência estabelecem relações, assim como acontece com muitas outras áreas do conhecimento.

Vindo ao encontro das origens do termo “Onomástica”, Guérios (1973, apud. Röhrig, 2015, p.66) e Eckert (2013, p. 142) partilham da mesma opinião de que a onomástica é um ramo da Lexicologia que estuda a origem e a formação dos nomes próprios.

O termo tem origem grega e é formado pelos elementos *onoma* (nome) e *tékne* (arte), cujo resultado é *onomastiké*, que significa *a arte de nomear*. A forma grega aparece no latim tardio como *onomasticon*, que evolui e chega ao Português como onomástica.

Ainda que a “palavra onomástica” chegue ao português por via do Latim, muitos pesquisadores do ramo da “Onomástica”, como José Leite de Vasconcellos, em 1931, preferem usarem o termo onomatologia para designar Onomástica:

A Onomatologia ocupa-se do estudo da origem e alterações (no sentido e na forma) dos nomes próprios; considerando apenas os que se referem a locais e a pessoas, podemos dividi-la em Toponímia e Antroponímia (Vasconcellos J. L., 1931, p. 312).

A respeito destes dois termos, Guérios (1973) considera normal o uso do termo “Onomatologia” para designar Onomástica:

A onomástica é a ciência dos nomes próprios, mas pode também ser chamada de onomatologia (Guérios, 1973, apud. Röhrig, 2015, p.66).

Apesar da importância científica atribuída à Onomástica, em vários estudos, Boléo (1956, p. 4) considera que

“Dos dois ramos da Onomástica – a toponímia e a antroponímia – é o primeiro que tem sido mais cultivado, tanto em Portugal como noutros países. A antroponímia, porém, está a interessar cada vez mais estudiosos, e daí alguns aspectos novos que a investigação vai trazendo à luz”.

Apesar de nos últimos anos do século XIX, no século XX, e no início do século XXI, a Antroponímia foi sem sombra de dúvidas alvo de muitos estudos científicos.

Assim, González (2000, p. 39) diz que

“A questão do significado constitui o campo de estudo mais complexo para a descrição do relacionamento entre o vocabulário linguístico e onomástico”.

Por este motivo, recorreremos à Linguística, concretamente à área da Lexicologia que pode ajudar-nos a identificar os fenómenos linguísticos do léxico antroponímico.

2.2. Linguística e Onomástica

Qualquer que seja a ciência tem sempre a necessidade de recorrer ao uso da língua quer como instrumento de interpretação do conhecimento ou mesmo como veículo de comunicação para permitir a transmissão do conhecimento.

Valorizando a Linguística nos estudos onomásticos e, particularmente, na Antroponímia, Carvalho & Seabra (2012) consideram que

“Gracias al carácter colectivo y a la dimensión social del lenguaje, se puede decir que los miembros de una comunidad se valen del sistema lingüístico para representar la realidad y expresar los valores culturales compartidos socialmente entre ellos”.

Na mesma linha de pensamento, Correia e Quintino (1964, p. 20) defendem que

“o fenómeno da onomatologia é tão antigo como o fenómeno linguístico. Não é possível a existência de uma língua sem nomes designativos de seres, de coisas – animadas ou inanimadas, abstractas ou concretas”.

Correia e Quintino (1964, p. 20) afirmam que o homem depois de estabelecer a comunicação com os outros em sociedade passou a sentir a necessidade de diferenciar o mundo que se encontrava ao seu redor. Assim, provavelmente, surgiu a necessidade de nomear e diferenciar as coisas, de designar os homens e os outros seres vivos. Desta forma, é impossível separar o fenómeno da linguagem da “Onomástica” tal como afirma Correia e Quintino (1964).

Segundo Seabra (2006, p.1953),

“A Onomástica integra-se na Lexicologia, caracterizando-se como a ciência da linguagem que possui duas áreas de estudo: a Antroponímia e a Toponímia ambas se constituem de elementos linguísticos que conservam antigos estágios denominativas. A

primeira tem como objecto de estudo os nomes próprios individuais, os nomes parentais ou sobrenomes e alcunhas ou apelidos”.

A partir deste ponto de vista e tendo em conta o princípio da interdisciplinaridade que vigora entre as ciências, entendemos que a Onomástica procura elementos linguísticos para explicar o léxico antroponímico.

Por outro lado, os estudos onomásticos têm fornecido alguns elementos importantes à Linguística. Como é o caso da linguística histórica que aproveita os fenómenos linguísticos da “onomástica pessoal”.

Deste modo, (González, 2000, p. 36) considera que

“O sistema onomástico” sobretudo o da onomástica pessoal participa no “sistema linguístico” e no sistema semiótico não linguístico: na sua parte linguística revela uma adequação clara ao funcionamento das línguas naturais, mas no que tem de não linguístico comporta-se como um código com um funcionamento e uma evolução notavelmente afastados dos parâmetros que vigoram para elas. O “signo onomástico” participa de algumas das características do signo linguístico, mas carece do “elevado grau de sistematicidade” que aquele possui: pode existir sem integrar-se no “nível semântico”, e se foi gerado em função de operações cognitivas desse âmbito é “segregado” do funcionamento da semântica da língua no momento de converter-se exactamente em “signo onomástico”.

Sublinhando a contribuição da Linguística na análise do léxico antroponímico, Dick (1990) defende que só se pode compreender o verdadeiro sentido natural dos “nomes próprios”, sejam eles de coisas, animais ou pessoas por intermédio da composição e análise dos elementos linguísticos que existem neles.

A mesma autora acrescenta que

“quando os designativos são escolhidos, na maioria das vezes, (...) o dinamismo natural da língua esvazia-os, rapidamente, de seu verdadeiro sentido etimológico” (Dick, 1990, p. 181).

Parece-nos importante a posição de Dick (1990), porque a evolução da língua *Oshiwanyama* tem estado a dificultar a identificação da etimologia e do significado de alguns antropónimos como por exemplo: Edluck e Keny.

Observadas estas questões e considerando a Linguística uma área muito vasta e, restringimos a nossa análise a uma abordagem lexicológica, morfológica, fonética e semântica.

2.3. Lexicologia e Antroponímia

A Lexicologia, uma das áreas das ciências da linguagem, tem por objecto o estudo do léxico; é definida por Barros (2013) como sendo a disciplina que

“estuda o conjunto de todas as palavras ou os constituintes morfológicos (radical e afixos) portadores de significados numa língua, bem como a forma como eles se relacionam” (Barros, 2013, p. 188).

No entanto, Vilela (1994, p. 11) defende que a Lexicologia

“tem como o principal elemento de estudo a “semântica lexical” e a “morfologia lexical”, a semântica lexical dedica-se à análise dos conteúdos dos lexemas, incluindo o grupo de palavras equivalentes. A semântica lexical, pode situar-se no nível da “langue”, da “norma” e da “parole”.

Sendo o léxico o objecto de estudo particular de uma das áreas da linguística que é a Lexicologia como foi referido acima, parece-nos importante recorrer sempre

que necessário à Lexicologia, para explicar alguns elementos linguísticos do léxico antroponímico da língua *Oshikwanyama*.

Neste caso, o léxico é considerado por Seabra (2006) como um conjunto de vocábulos de uma dada língua, com o valor de atribuir, indicar e manifestar uma realidade de uma sociedade. Na visão deste autor, o léxico é transmitido sem descontinuidade de geração em geração, embora possa sofrer algumas modificações com o evoluir das línguas. Em conformidade com isto, o nome desempenha um papel importante porque é por via dele que os homens manifestam as suas capacidades, sentimentos, manifestações culturais e ideias entre outros valores sociais.

Todavia, Villalva, (in *Morfologia do Português*, 2008) considera que o léxico é uma “entidade abstracta” de uma língua que não tem uma noção de limites de “espaço”, nem de tempo.

Para Seabra (2006), o léxico constitui um aspecto “patrimonial” qualquer que seja a língua porque ele guarda e acumula os aspectos culturais da vida de uma comunidade. A ciência da linguística que se dedica a esta área é essencialmente a Lexicologia.

Assim, Silva (2012, p.31) explica que a Antroponímia faz parte do léxico; constitui-se como um acervo rico que reflecte a vida cotidiana dos indivíduos e da sua sociedade.

De facto, os antropónimos de um modo geral e, em particular, os dos *Ovakwanyama* são unidades da língua e é através delas que os indivíduos expressam, descrevem e preservam a sua cultura.

A relação da Antroponímia com a Lexicologia é inegável porque o léxico antroponímico tem por base o léxico geral da língua.

2.4. Antroponímia

Antroponímia é a designação científica atribuída a uma área da “Onomástica” que se encarrega do estudo dos nomes próprios de pessoas, descobrindo as origens e os significados dos nomes de pessoas.

O termo Antroponímia é definido por vários autores.

Assim, para Correira e Quintino (1964, p. 17) a Antroponímia é formada por duas palavras:

“anthropo, homem, e nymia, nome, etimologicamente a antroponímia equivale a nomes de homens.”

Enquanto Dick (1990, p. 190) define Antroponímia como uma

“ciência que estuda os nomes próprios individuais, “em suas origens e alterações”, tem, no onoma⁶ grego, o pressuposto inicial para a afixação da teoria dos nomes”.

A estas definições junta-se a de Filgueiras (2011, p,28) que define a Antroponímia da seguinte maneira:

“Antroponímia” como o ramo que “ (...) tem como objecto de estudo os nomes próprios individuais, os nomes parentais ou sobrenomes e as alcunhas e apelidos”.

Ainda que os autores definam Antroponímia de formas diferentes, todos eles consideram-na como um ramo que se dedica ao estudo dos nomes próprios de homens. Os estudiosos que se dedicam às investigações antroponímicas, como Dick (1990), são unânimes em atribuírem o termo, ora definido, ao filólogo português José Leite de Vasconcellos como sendo o primeiro a introduzir este termo na língua portuguesa, na *Revista Lusitana* (I, 45).

⁶ Na “postura convencionalista” de Aristóteles *Onoma* é a união de um som e de um significado, estabelecida através de uma convenção. “Uma espécie de contrato social” (Dick, 1990, p. 190)

Deste modo, a Antroponímia passou a referir-se ao estudo dos nomes próprios de pessoas, incluindo os sobrenomes e apelidos; assim, a “Onomástica” passou a ter uma área própria para o estudo de nomes de pessoas, diferenciando-se assim de outras áreas que estudam os nomes próprios dentro da onomástica.

Desta forma, a Antroponímia tem como objecto de estudo o antropónimo. Este, por sua vez, é definido por Vasconcellos (1928) num sentido muito geral tal como é percebido pela sociedade. Assim, para ele, o “nome” inclui os seguintes elementos:

“o nome⁷ próprio (isto é, o nome pessoal ou individual), sobrenome, e o apelido” (Vasconcellos, 1928, p.23).

A definição apresentada pelo autor parece-nos, estar mais muito próxima da realidade daquilo que é o nome na sociedade dos Ovakwanyama.

Para Santos (2003), convém ainda apontar que um

“sistema antroponímico de base, geralmente formado por um nome próprio e um sobrenome, fez com que os povos, dada a sua necessidade de diferenciar as pessoas uma das outras encontrassem outros atributos de identificação” (Santos M. L., 2003, p. 237).

Segundo Vasconcellos (1928), o nome próprio, geralmente, têm a sua formação em palavras “simples, derivadas e compostas da língua comum” e por sua vez, os nomes acompanham sempre a evolução linguística das sociedades, os acontecimentos da natureza, do tempo (“como duração”), os aspectos geográficos, as qualidades físicas do sujeito, as circunstâncias, as necessidades, a religião entre outros aspectos da vida social do dia-a-dia do homem.

Saindo do contexto geral, para o contexto africano, Carreira e Quintino (1964) explicam que os nomes africanos têm um elevado grau designativo, visto que eles

⁷ O nome pode usar-se avulso, isto é, sem sobrenome ou apelido” (Vasconcellos, J. L, 1928, p. 95)

reflectem a conjuntura em que decorre a vida social dos povos e dos sujeitos que os atribuem aos seus descendentes. São ainda de opinião que este fenómeno não se verifica nas sociedades ocidentais por julgarem que os nomes desta natureza seriam geralmente desagradáveis e como senão bastasse, poderiam atrair os “espíritos maléficos” que afectariam a vida permanente dos seus filhos.

No entanto, Dick (1990, p. 201) considera que

“A moderna teoria da língua vê, actualmente, no designativo individual, uma classe meramente identificadora de indivíduos, sem o aparato circunstancial que se lhe outorgava antes. Se os nomes não mais significam como antigamente, não se quer com isso dizer que a teoria antroponímica deve deixar de lado o seu estudo. Porque o seu objecto está (...) cristalizado em formas vazias”.

A perspectiva de Dick (1990) é compartilhada também por Carvalhinhos (2007) que considera que em séculos anteriores, “o nome próprio” desempenhava um papel importante, isto é, a sua carga semântica ia de encontro com o indivíduo nomeado: no nome estava toda a sua carga conotativa.

Dick (1990) acrescenta que

“Os antropónimos se referem, com exclusividade, à distinção dos indivíduos entre si, no conjunto dos agrupamentos sociais, ao mesmo tempo que permitem e possibilitam aos núcleos assim constituídos a aquisição de uma personalidade vivenciada através da nomeação de seus membros” (Dick, 1990, p. 178).

Ainda que tenhamos que ter em consideração a afirmação de Dick (1990), os nomes, nos nossos dias, perderam a sua função designativa tal como defende Hosokawa e Nolasco (2012) para quem os nomes próprios, na actualidade, na maioria dos casos, não apresentam mais um sentido preciso:

“conhecer uma pessoa apenas pelo seu nome não significa conhecer suas características físicas ou comportamentais. O nome não é mais

um referencial para a pessoa como antigamente” (Hosokawa e Nolasco, 2012, p. 479).

Hosokawa e Nolasco (2012) defendem que os nomes, nos nossos dias, já não se identificam com as pessoas ou seja os nomes perderam a sua função inicial de se identificar com a realidade do sujeito nomeado.

Segundo Latorre (2010), as manifestações culturais que motivam a atribuição de nomes quer seja de pessoas ou de lugares, mesmo quando tem origem em situações religiosas, profissão, local de nascimento, características físicas ou quando os nomes são atribuídos por terceiros, o nome e a quem é atribuído são sempre legitimados pelo grupo social.

De acordo com Carreira e Quintino (1964), os povos africanos pelo facto de terem o domínio tardio da língua escrita, e dada a necessidade que eles tinham de anotarem os principais acontecimentos que caracterizavam as suas vidas, a única forma que encontraram para o fazerem foi por via dos antropónimos.

Assim, a partir dos nomes as pessoas passaram a terem o conhecimento alargado de uma gama de aspectos interessantes da vida psíquica dos sujeitos em sociedades. Entre esses aspectos destacam-se as “tendências, vícios, defeitos, credos, superstições”, um mundo de problemas ligados à maneira de ser e de viver dos africanos.

2.5. Antroponímia e Morfologia

A morfologia é definida por Barros (2013, p. 188) como uma das “parte da gramática que estuda a estrutura interna das palavras, bem como os processos morfológicos de variação e formação de palavras”. Define ainda o autor que a “palavra é uma sequência de sons com significados que se enquadra numa classe gramatical”.

O léxico antroponímico precisa de uma análise morfológica para determinar as estruturas internas, assim como os processos morfológicos de variação e de formação pelas quais elas passam enquanto elementos linguísticos.

Na mesma linha de pensamento, Rosa (2000) defende que uma das vertentes da Lexicologia indispensável aos estudos das palavras na sua forma e estrutura é indiscutivelmente a morfologia. Em torno destas opiniões pensamos que é incontornável, a análise morfológica do léxico antroponímico da língua *Oshikwanyama* que será estudado durante a realização desta pesquisa.

Assim, González (2000) explica que a “Onomástica” de âmbito próprio, vê-se como um “sistema de classificação” e “categorização” na qual o indivíduo é sujeito. O mesmo autor acrescenta dizendo:

“A comunidade denomina os seus membros em função do modo como “percebe” a sua identidade, através da rede de sub-grupos a que se vincula cada um. Assim, quanto a questão do significado constitui o campo de estudo mais complexo para a descrição do relacionamento entre o vocabulário linguístico e onomástico”(González, 2000, pp. 12-39).

González (2000) deixa claro que determinar o verdadeiro significado e a relação que existe entre o léxico linguístico e antroponímico, geralmente, não constitui uma tarefa fácil de realizar; porque não é possível esgotar o significado do nome, onde não estão só envolvidos elementos linguísticos estudados pela morfologia, mas também os aspectos de natureza extralinguísticos.

Desta forma, indo ao encontro da importância da morfologia para a análise do léxico antroponímico, Villalva (1990) considera que:

“a informação morfológica especifica o valor das propriedades das categorias morfológicas, morfo-sentáctico-semânticas, flexionais como por exemplo: número e género para os nomes (...). Neste caso, considera-se ainda que as unidades lexicais podem ainda apresentar informações (...) de ordem etimológicas” (Villalva, 1990, p. 457).

Assim, é de grande importância submeter a métodos de análise morfológica o léxico antroponímico da língua *Oshikwanyama* para observar a sua morfologia e respectivo significado, a etimologia e outros elementos morfológicos que se apresentam importantes para este estudo.

Ainda que seja de forma muito breve, gostaríamos de introduzir a importância da contribuição da semântica para os estudos antroponímicos em causa.

2.6. Antroponímia e Fonética

De uma forma muito geral, consideramos ser de grande importância abordar a fonética neste estudo dada a sua inegável presença na Antroponímia.

Assim, segundo Andrade (2007), a Fonética tem como objecto:

“o estudo dos sons, da sua descrição, tanto do ponto de vista da sua produção, (Fonética Articulatória), como das suas propriedades físicas, (Fonética Acústica), ou do modo como são percebidos pelo ouvinte (Fonética Preceptiva)” (Andrade, 2007, p. 71).

A Fonética é considerada por Mateus (1990) como uma disciplina científica que se ocupa dos estudos dos sons da fala e do modo como estes são produzidos e percebidos em determinadas sociedades pelos sujeitos.

A Fonética é importante para descrevermos os fones e os grafemas e efectuarmos a sua transcrição fonética.

A Fonologia descreve os fonemas de uma língua.

Estas duas disciplinas são também importantes para a harmonização gráfica dos antroponímicos da língua *Oshikwanyama*.

2.7. Antroponímia e Semântica

Os antropónimos, cujo significado queremos explicar, fazem parte do léxico comum, léxico que ocorre no dia-a-dia dos *Ovakwanyama* do Cunene.

Chaves (2013) afirma que

“A organização do léxico é uma questão complexa. De facto, o significado das palavras nem sempre é fácil de descrever, [...] principalmente as de uso comum, veiculam mais do que uma interpretação e remete para classes de entidades e de conceitos muito diversos” (Chaves, 2013, p. 185).

Tal como explica este autor e visto que os antropónimos da língua *Oshikwanyama* têm origem em provérbios sapienciais, como referiu Namolo (2015), pensamos haver necessidade de fazer uma análise para eliminar os sentidos polissémicos que não se registam nos referidos nomes. Mas, para isso, há que se recorrer à semântica.

Assim, a semântica é definida por Barros (2013, p. 198) como “uma disciplina que estuda o plano da significação da língua. Comporta duas divisões: semântica lexical e a semântica frásica”.

Tendo em conta a divisão da semântica apresentada pelo autor, o nosso estudo ir-se-á apoiar na semântica lexical pelo facto os antropónimos serem considerados como léxico da língua comum.

Indo ao encontro da relação entre a Antroponímia e a Semântica, Dick (1990) considera que

“Os aspectos semânticos que os nomes de pessoa podem ressaltar estão ligados aos motivos que, em determinadas épocas e regiões, orientavam a criação dos antropónimos, os quais, dessa forma, se tomavam aptos a reflectir os costumes das civilizações como manifestações culturais do seu povo” (Dick, 1990, pp.181-182).

Segundo Vilela (cf. 1994), a semântica é definida como uma ciência que se preocupa com o estudo do significado, no contexto linguístico; a semântica é vista como um ramo que analisa a “mudança do significado” das palavras, incluindo a explicação da significação que abrange o “processo e o modo de significar”; a semântica pode ser vista também como a área que se dedica à análise dos “conteúdos dos signos linguísticos”.

Mas, de acordo com Peres (cf.1993), a semântica procura analisar e compreender as “estruturas nominais”; os nomes são percebidos, pelo autor, como sendo os elementos que têm o papel “básico” de distinguir as entidades que tiveram um envolvimento num dado contexto situacional. Além disto, o autor considera que o investigador tem que ter em consideração a “diversidade semântica” que os nomes apresentam.

Segundo Dick (1990):

“Quanto à função semântica propriamente dita dos nomes de pessoas, assim como a escolha dos temas que motivam a sua imposição, nos tempos mais remotos considerava-se o problema segundo uma concepção diferente da abordagem moderna. De facto, como contingência directa da evolução da ciência da linguagem, que procurou estabelecer e fixar, distintivamente, a função gramatical dos nomes comuns e próprios, a pesquisa etimológica destes últimos deixou de figurar como factor de primeira grandeza, no emprego dos antropónimos” (Dick, 1990, p. 180).

Os antropónimos dos povos Bantu de Angola e, em particular, dos *Ovakwanyama* têm uma etimologia e dispõem de um conteúdo semântico rico e complexo resultante da sua vida cotidiana e da sua cultura.

Assim, neste estudo, iremos realizar a análise semântica dos antropónimos da língua *Oshikwanyama*, segundo a perspectiva de Dick (1990).

2.8. Antroponímia e Toponímia

A respeito da relação entre a Antroponímia e a Toponímia, Carreira e Quintino, (1964, p. 25) defendem que

“Quer no passado quer no presente, a antroponímia foi sempre uma boa fonte de recurso para a toponímia.”

Deste modo, muitas das vezes, o homem tem de recorrer a nomes de pessoas que desempenharam um papel útil e importante na sociedade para, em sua homenagem, ser atribuído a uma localidade. Razão pela qual se justifica que há uma longevidade em termos de relação entre a antroponímia e a toponímia (cf. Carreira & Quintino, 1964).

Por outro lado, segundo Serra :

“Uma grande parte de nomes de lugar tem a sua origem justamente em nomes de pessoas; certamente, uma boa parte das designações tópicas deve-se a particularidades de relevo, acidentes geográficos, aspectos peculiares da fauna ou da flora, e até, raríssimas vezes, a uma pura arbitrariedade; mais o contingente de topónimos, que tem a sua base imediata num nome pessoal (o nome do indivíduo proprietário da vila, da quinta, etc.) é indubitavelmente muito numeroso; e naturalmente o nome que muitas vezes se fixa toponimicamente é um apelido ou alcunha” (Serra P. C., 1960, p. 9).

Assim, consideramos que é normal encontrarem-se nomes de localidades que tenham a sua origem em nomes de pessoas. Mas podemos também encontrar antropónimos que têm a sua origem na natureza.

Passando do geral para o particular, julgamos que o fenómeno de atribuir os nomes de pessoas às localidades é tão antigo na sociedade dos *Ovakwanyama* como noutras sociedades. E aliás, atribuir o nome de uma pessoa a uma rua localidade etc.

já, não constitui um grande motivo de admiração para ninguém. Porque esta acção encontra-se generalizada nas sociedades da nossa época.

Assim, procurámos fazer uma abordagem das várias perspectivas do estudo da Antroponímia, assim como estudamos as relações que antroponímia estabelece com as demais ciências sociais no sentido de responder o princípio da multidisciplinaridade e as exigências científicas aplicadas nas ciências sociais.

Ainda neste item, constatamos que Antroponímia estuda os nomes próprios das pessoas, sobrenomes, apelidos e não apenas o nome como é percebido pela sociedade em geral.

CAPÍTULO III

PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS: ANÁLISE DOS ANTROPÓNIMOS NA LÍNGUA OSHIKWANYAMA

3.1. Constituição do Corpus

Quanto ao *corpus* utilizado para a descrição e o tratamento do léxico antroponímico no presente estudo, assim como para a elaboração da base de dados antroponímica é constituído por um conjunto de antropónimos da língua *Oshikwanyama* recolhidos no mês de Agosto e de Setembro do ano de 2016, época em que fomos ter com o Conservador do Cartório dos Registo Civil da Comarca do Cunene (Loja dos registos Civil do *Cuanhama* em Ondjiva-Cunene) afecto ao Ministério da Justiça de Angola.

Os antropónimos foram recolhidos através de recursos fotográficos. A estes, juntaram-se outros, também, recolhidos no mês de Dezembro através de fotografias tiradas aos livros de baptismo dos Arquivos do Cartório da Igreja Católica - Diocese de Ondjiva.

O *corpus* antroponímico ora constituído é composto por 200 antropónimos dos quais seleccionámos 20 antropónimos como amostra que de seguida submetemos a uma análise morfossemântica.

3.2. Análise do Corpus

Feita a revisão da literatura, recolha e organização dos antropónimos da língua *Oshikwanyama*, recorreremos as entrevistas dirigidas a “mais velhos”, autoridades tradicionais e a outras pessoas conhecedoras da cultura deste povo, cuja antroponímia se encontra em análise neste estudo. O principal objectivo das entrevistas visou recolher as informações que possibilitaram o tratamento do léxico antroponímico do *Oshikwanyama*.

Com efeito, elaboraram-se as fichas de recolha de informações que foram aplicadas a um universo de sete indivíduos. Estas fichas foram submetidas de forma individual a um universo de quatro especialistas da linguística *Oshikwanyama*, a que se juntaram outras três pessoas conhecedoras da cultura dos *Ovakwanyama* de Angola.

A população ora seleccionada obedeceu aos seguintes critérios: primeiro todos os entrevistados tinham uma característica pertinente para este estudo porque tinham um nível elevado de conhecimento sobre a língua *Oshikwanyama* assim como, também, dominavam a cultura da região de Oukwanyama.

Para os nossos entrevistados, tivemos ainda em conta as características demográficas que assentaram nos seguintes aspectos: todos eles tinham habitado sempre na região em que se recolheram os antropónimos, em análise.

Após as entrevistas, efectuámos uma primeira transcrição tal qual foi dito pelo entrevistado para percebermos os contextos das informações sobre os antropónimos.

Depois desta etapa, seguiu-se uma segunda transcrição editada com o objectivo de se eliminar os bordões e tantas outras informações que não interessam ao estudo. Terminado o processo das transcrições das entrevistas realizadas, seguiu-se a elaboração das fichas antroponímicas para a recolha de informações sobre definições/significados, propostas gráficas, variantes gráficas e harmonização gráfica dos antropónimos seleccionados.

No caso dos especialistas para além da cultura, foram seleccionados por possuírem um conhecimento do funcionamento do sistema linguístico *Oshikwanyama*. De igual modo, elaborámos fichas antroponímicas que aglutinavam todas as informações já recolhida que precisavam de serem verificadas. Estas fichas também

tinham como o propósito colher as novas sugestões relativas aos antropónimos junto dos nossos especialistas.

As respostas dos nossos especialistas conduziram-nos a uma análise qualitativa porque tivemos que comparar a qualidade das suas respostas. Além disso, as suas opiniões eram unânimes apesar de cada um dos especialistas ter usado termos e conceitos diferentes para sugerir as definições/significados, proposta gráfica, variantes gráficas e harmonização gráfica dos antropónimos seleccionados.

Por último, usou-se a análise quantitativa na medida em que tivemos que contabilizar as respostas dadas por cada um dos especialistas.

Quando realizámos as confrontações das respostas dos nossos especialistas, partindo deste princípio, elaborámos uma nova ficha antroponímica que foi submetida a todos os especialistas, contendo informações como: definições/significados, proposta gráfica dos antropónimos, variantes gráficas e harmonização gráfica dos mesmos que foram validados pelos especialistas sem contradições como sucedeu na primeira ficha de verificação e sugestões.

As informações contidas na ficha antroponímica de validação foram retiradas das respostas dadas anteriormente pelos especialistas.

No total, os nossos especialistas deram-nos as informações seguintes:

- 27 antropónimos com as definições/significados, as propostas gráficas, as variantes gráficas e a harmonização gráfica;
- 13 antropónimos ficaram entre as respostas imprecisas, não totalmente certas.
- 6 antropónimos não obtiveram respostas informativas;
- 4 antropónimos eram desconhecidas dos especialistas; as definições/significados, propostas gráfica dos antropónimos, variantes gráficas não eram conhecidas pelos especialistas.

No final, juntámos quarenta antropónimos para uma validação final dos quais 38 passam por unanimidade e dois (2) antropónimos traziam novas sugestões de definições/significados, propostas gráficas, variantes gráficas e harmonização gráfica.

Após, as fases de recolha dos dados, sugestões, verificações, análises e validações das informações que sustentam o nosso trabalho, elaborámos as fichas antroponímicas, contendo todas as informações que pretendíamos estudar.

Por outro lado, elaboramos um protótipo de base de dados de antropónimos, contendo todos os antropónimos da língua *Oshikwanyama* analisados neste trabalho.

Particularmente para este estudo, a elaboração das fichas antroponímicas foi um processo importante assim como poderia ser para qualquer trabalho que estivesse ligado ao tratamento do léxico.

A função principal da elaboração das fichas antroponímicas permitiu-nos armazenar todas as informações que foram necessárias à análise e à posterior elaboração da base de dados de antropónimos.

3.3. Delimitação da análise

A Província do Cunene à semelhança das demais Províncias do actual território de Angola é constituída por um mosaico cultural, linguístico e étnico. Cada um destes povos tem as suas designações próprias, ainda que as suas atribuições sejam reguladas pela Lei n.º 10/85 de 19 de Outubro em Angola.

Partindo do exposto, surgiu a necessidade da nossa abordagem, delimitar-se aos antropónimos no subgrupo etnolinguístico dos *Ovakwanyama* do Cunene, colocando de parte os outros subgrupos dos *Ovawambo* existentes na Província e uma boa parte do subgrupo etnolinguístico *Ovakwanyama* que habita no Norte da República da Namíbia.

3.4. Fichas antroponímicas

Neste ponto, apresentamos fichas antroponímicas, contendo os resultados das nossas recolhas e análises. Levamos em consideração a opinião defendida por Namolo (2015) ao afirmar que a tradução é traição e principalmente quanto aplicado a uma língua sapiencial, proverbial e que exige muita cautela e responsabilidade para quem a traduz.

Todavia, reconhecendo a nossa insuficiência sobre o domínio do sistema da língua *Oshikwanyama*, iremos tentar neste estudo, fazer uma tradução literal e em alguns momentos recorreremos à interpretação para se chegar ao significado dos antropónimos em análise.

Porém, a análise feita a cada um dos antropónimos originaram a elaboração das seguintes fichas antroponímicas.

Ficha antroponímica Nº 1	
Antropónimo: Hasetu	
Género: Masculino	Composição Morfológica: Nome simples
Grupo: Ovakwanyama	Língua: Oshikwanyama
Harmonização Gráfica: Hashetu	Transcrição fonética: [haʃetu]
Etimologia: Kashishi shetu (isto não é nosso ou isto não nos pertence)	
Definição/Significado: isto não é nosso, isto não faz parte da família.	
Variantes Gráficas: Hasetu, Hashetu.	
Nota: a motivação da atribuição do antropónimo pode ser causado pela negação da paternidade; a criança pode nascer com uma patologia ou defeitos ou características que não existem na família de um dos progenitores.	

Fonte de informações relativo ao antropónimo: Pedro Tongeni, 03/07/2016, 12h:10M, Ondjiva/Cunene – Angola.

Tabela 1. Ficha antroponímica Nº 1

Ficha antroponímica Nº 2	
Antropónimo: Hidulika	
Género: Masculino	Composição Morfológica: Nome simples
Grupo: Ovakwanyama	Língua: Oshikwanyama
Harmonização Gráfica: Nghidulika	Transcrição fonética: [ɲiduʎika]
Etimologia: Eduliko, Okudulika (ser educado ou ser insuperável, insuportável)	
Definição/Significado: Sou insuperável; sou insuportável; ninguém me aguenta	
Variantes Gráficas: Hidulika, Idulika, Nghidulika.	
Nota: a motivação da atribuição do antropónimo: vangloriar-se diante de uma situação em que ele é sempre bem-sucedido, pode ser pelo nascimento de mais um filho bonito e achar-se que ninguém o consegue superar na comunidade neste aspecto; pode estar a prever ter nascido uma criança traquina ou traquino que tem as características de vir a ser insuportável.	
Fonte de informações relativo ao antropónimo: Riikka Halme, 15/02/2017, 13h:46, Ondjiva/Cunene-Angola	

Tabela 2. Ficha antroponímica Nº 2

Ficha antroponímica Nº 3	
Antropónimo: Hilifilwa	
Género: Masculino	Composição Morfológica: Nome simples

Grupo: Ovakwanyama	Língua: Oshikwanyama
Harmonização Gráfica: Nghilifilwa	Transcrição fonética: [niʔifiʔwa]
Etimologia: Okulifilwa (Não mais me pastorearão)	
Definição/Significado: já não tenho necessidade de pastor porque nasceu um menino que irá assumir essa função.	
Variantes Gráficas: Hilifilwa, Nghilifilwa.	
Nota: a motivação da atribuição do antropónimo: ter a necessidade de um pastor na família e, este filho rapaz que nasceu veio suprir esta lacuna. Agora, o pai dá a conhecer que já não irá contratar mais pastores de gado porque esta acção será efectuada pelo seu filho.	
Fonte de informações relativo ao antropónimo: Vilima Haukongo, 13/01/2017, 06h:19M, Windhoek – Namíbia	

Tabela 3. Ficha antroponímica Nº 3

Ficha antroponímica Nº 4	
Antropónimo: Hinasamunu	
Género: Uniforme	Composição Morfológica: Nome composto por aglutinação
Grupo: Ovakwanyama	Língua: Oshikwanyama
Harmonização Gráfica: Nghinashamunhu	Transcrição fonética: [ɲinaʃamunhu]
Etimologia: Nghinasha, omunhu (Não tenho, pessoa)	
Definição/Significado: Não tenho pessoa; a pessoa que está comigo não tem juízo ou é pouco prestável.	
Variantes Gráficas: Hinasamunu, Hinashamunhu, Nghinasamunhu, Nghinashamunhu.	
Nota: a motivação da atribuição do antropónimo: quando nasce uma criança com	

perturbações mentais que não oferece garantia para ajudar a família no futuro.

Fonte de informações relativo ao antropónimo: Pedro Tongeni, 03/07/2016, 12h:10 – Ondjiva/Cunene – Angola.

Tabela 4. Ficha antroponímica Nº 4

Ficha antroponímica Nº 5	
Antropónimo: Kuilileni	
Género: Feminino	Composição Morfológica: Nome simples
Grupo: Ovakwanyama	Língua: Oshikwanyama
Harmonização Gráfica: Kuwilileni	Transcrição fonética: [kuwiɭiɽeni]
Etimologia: Ekuwililo, Okukuwilila (Grito de alegria, de satisfação)	
Definição/Significado: Grito de alegria; cantai de alegria, exultai-vos, rejubilai-vos.	
Variantes Gráficas: Kuilileni, Kuwilileni.	
Nota: a motivação da atribuição do antropónimo: o nascimento desta criança traz alegria à família, por isso, dão-se gritos de boas vindas.	
Fonte de informações relativo ao antropónimo: Pedro Tongeni, 03/07/2016, 12h:10 – Ondjiva/Cunene – Angola e Verdiano Ndafindana, 19/01/2017, 11H:17M, Cunene.	

Tabela 5. Ficha antroponímica Nº 5

Ficha antroponímica Nº 6	
Antropónimo: Lipuleni	
Género: Masculino	Composição Morfológica: Nome simples
Grupo: Ovakwanyama	Língua: Oshikwanyama

<p>Harmonização Gráfica: Lipuleni Transcrição fonética: [ʎipuʎeni]</p> <p>Etimologia: Elipulo, Okulipula (Auto-reflexão ou auto-avaliação)</p> <p>Definição/Significado: façam auto-reflexão, reflectam.</p> <p>Variantes Gráficas: Lipuleni, Ipuleni.</p> <p>Nota: a motivação da atribuição do antropónimo: quando alguém quer saber algo que já é do seu domínio ou finge-se de esquecido sobre um assunto do seu conhecimento.</p> <p>Fonte de informações relativo ao antropónimo: Riikka Halme, 15/02/2017, 13h:46, Ondjiva, Cunene – Angola.</p>

Tabela 6. Ficha antroponímica Nº 6

Ficha antroponímica Nº 7	
Antropónimo: Mandume	
Género: Masculino	Composição Morfológica: Nome simples
Grupo: Ovakwanyama	Língua: Oshikwanyama
Harmonização Gráfica:	Transcrição fonética: [mandume]
Etimologia: Ondume (Masculinidade, Homem potente, Macho)	
Definição/Significado: poder; homem poderoso ou forte; masculinidade	
Variantes Gráficas:	
Nota: a motivação da atribuição do antropónimo: quando nasce alguém gémeo do sexo masculino recebe este nome em homenagem ao rei Mandume ya Ndemufayo, último rei dos Ovakwanyama.	
Fonte de informações relativo ao antropónimo: Ancião Cristiano Kamati de 90 anos de idade, 21/08/2016, 11H:16M, Namacunde/ Cunene – Angola.	

Tabela 7. Ficha antroponímica Nº 7

Ficha antroponímica Nº 8	
Antropónimo: Ndafialako	
Género: Feminino	Composição Morfológica: Nome simples
Grupo: Ovakwanyama	Língua: Oshikwanyama
Harmonização Gráfica: Ndafyaalako	Transcrição fonética: [ndafja:ʔako]
Etimologia: Efyalo, Okufyaalako (ficar, ficar lá)	
Definição/Significado: fiquei lá, permaneci lá.	
Variantes Gráficas: Ndafialako, Ndashalako, Ndafyaalako, Ndafiyalako.	
Nota: a motivação da atribuição do antropónimo: indicar perpetuidade do pai através do filho; ficar no mundo por meio do filho ou filha.	
Fonte de informações relativo ao antropónimo: Sr. Tomás Sapwanale de 76 anos de idade, 16/08/2016, 10H:24M, Ondjiva/ Cunene – Angola.	

Tabela 8. Ficha antroponímica Nº 8

Ficha antroponímica Nº 9	
Antropónimo: Ndapunikwa	
Género: Feminino	Composição Morfológica: Nome simples
Grupo: Ovakwanyama	Língua: Oshikwanyama
Harmonização Gráfica: Ndapunikwa	Transcrição fonética: [ndapunikwa]
Etimologia: Epuniko, Okupunikwa (Benção, ser abençoado)	
Definição/Significado: sou abençoado, fui abençoado; fui enriquecido.	
Variantes Gráficas: Ndapunikua, Ndapunikwa.	

Nota: a motivação da atribuição do antropónimo: reconhecimento do dom ou da graça.

Fonte de informações relativo ao antropónimo: Pe. Virgínio Lidinikeni, 18/01/2017, 14H:27M, Roma – Itália

Tabela 9 Ficha antroponímica Nº9

Ficha antroponímica Nº 10	
Antropónimo: Ndatelela	
Género: Feminino	Composição Morfológica: Nome simples
Grupo: Ovakwanyama	Língua: Oshikwanyama
Harmonização Gráfica: Ndatelela	Transcrição fonética: [ndat ε:ʎeʎa]
Etimologia: Eteelelo, Okutelela (Esperar, gravidez, ter que esperar...)	
Definição/Significado: esperei, tive coragem de esperar.	
Variantes Gráficas: Ndatelela, Ndatelela.	
Nota: a motivação da atribuição do antropónimo é provocada pela incerteza da paternidade, dúvida e expectativa de ver se a criança é mesmo dele.	
Fonte de informações relativo ao antropónimo: Anciã, Ndinovahami Nanapo, de 91 anos de idade, 18/08/2016, 12H:49M, Namacunde/ Cunene – Angola.	

Tabela 10. Ficha antroponímica Nº 10

Ficha antroponímica Nº 11	
Antropónimo: Ndesafela	
Género: Feminino	Composição Morfológica: Nome simples
Grupo: Ovakwanyama	Língua: Oshikwanyama

<p>Harmonização Gráfica: Ndesihafela Transcrição fonética: [ndeʃihafeʎa]</p> <p>Etimologia: Ehafo, Okuhafa, Ehafelo (Alegria, estar alegre, alegrar-se de...)</p> <p>Definição/Significado: Gostar de algo, sentir satisfação por algo, alegrar-se por algo.</p> <p>Variantes Gráficas: Ndesiafela, Ndesihafela, Ndesafela, Ndeshaafela, Ndesihafela.</p> <p>Motivação: a motivação da atribuição do antropónimo: um evento ou circunstâncias que provocam alegria ou satisfação; o nascimento de uma criança provocou satisfação aos pais ou à família toda.</p> <p>Fonte de informações relativo ao antropónimo: Pe. Virgínio Lidinikeni, 18/01/2017, 14H:27M, Roma – Itália</p>
--

Tabela 11. Ficha antroponímica Nº 11

Ficha antroponímica Nº 12	
Antropónimo: Ndesipanda	
Género: Feminino	Composição Morfológica: Nome simples
Grupo: Ovakwanyama	Língua: Oshikwanyama
Harmonização Gráfica: Ndeshipanda	Transcrição fonética: [ndeʃipanda]
Etimologia: Epando, Okupanda, Olupando (Gostar, Gostar de..., agradecimento)	
Definição/Significado: gostar de algo, apreciar.	
Variantes Gráficas: Ndesipanda, Ndeshipanda.	
Nota: a motivação da atribuição do antropónimo: pode resultar da satisfação de um evento que teve um bom desfecho. Neste caso, poderia estar satisfeito com o nascimento da criança.	
Fonte de informações relativo ao antropónimo: Vilima Haukongo, 13/01/2017, 06h:19M, Windhoek – Namíbia	

Tabela 12. Ficha antroponímica Nº 12

Ficha antroponímica Nº 13	
Antropónimo: Ndesiyala	
Género: Feminino	Composição Morfológica: Nome simples
Grupo: Ovakwanyama	Língua: Oshikwanyama
Harmonização Gráfica: Ndesiyala	Transcrição fonética: [ndeʃijaʎa]
Etimologia: Eyalo, Okuyala (inimizade, ódio ou tristeza, de entristecer-se com...)	
Definição/Significado: Estou triste com, não gostei de..., estou triste com aquilo.	
Variantes Gráficas: Ndesiyala, Ndesiyala.	
Nota: a motivação da atribuição do antropónimo: quando a criança nasce num ambiente de desgosto, ou num clima de conflito entre os pais, ou ainda quando um dos progenitores já não desejava ter mais filhos etc.	
Fonte de informações relativo ao antropónimo: Pe. Virgínio Lidinikeni, 18/01/2017, 14H:27M, Roma – Itália	

Tabela 13. Ficha antroponímica Nº 13

Ficha antroponímica Nº 14	
Antropónimo: Ndilipofina	
Género: Feminino	Composição Morfológica: Nome composto por aglutinação
Grupo: Ovakwanyama	Língua: Oshikwanyama
Harmonização Gráfica: Ndilipofina	Transcrição fonética: [ndiʎipofina]
Etimologia: Okukala, pofina (Estar num lugar apertado)	
Definição/Significado: estou numa encruzilhada, estou sufocado ou não sei como	

fazer.

Variantes Gráficas: Ndilipofina, Ndiliyofina.

Nota: a motivação da atribuição do antropónimo: pode ser a falta de liberdade para um dos progenitores, falta de paz no lar, falta de paz com a vizinhança, falta de paz entre as famílias do casal, ou constantes acusações lançadas ao casal pela comunidade etc.

Fonte de informações relativo ao antropónimo: Pedro Tongeni, 03/07/2016, 12h:10 – Ondjiva/Cunene – Angola.

Tabela 14. Ficha antroponímica Nº 14

Ficha antroponímica Nº 15	
Antropónimo: Ndilokelua	
Género: Feminino	Composição Morfológica: Nome simples
Grupo: Ovakwanyama	Língua: Oshikwanyama
Harmonização Gráfica: Ndilokelwa	Transcrição fonética: [ndiʔokeʔw a]
Etimologia: Okulokwa, Okulokelwa (Apanhar chuva, apanhar chuva em...)	
Definição/Significado: A chuva pode cair por cima de mim.	
Variantes Gráficas: Ndilokelua, Ndilokelwa.	
Nota: a motivação da atribuição do antropónimo é um nome feminino de linhagem real atribuído a meninas gémeas em homenagem à rainha Ndilokelwa.	
Fonte de informações relativo ao antropónimo: Pe. Virgínio Lidinikeni, 18/01/2017, 14H:27M, Roma – Itália	

Tabela 15. Ficha antroponímica Nº 15

Ficha antroponímica Nº 16

Antropónimo: Safodino

Género: Masculino

Composição Morfológica: Nome simples

Grupo: Ovakwanyama

Língua: Oshikwanyama

Harmonização Gráfica: Shafodino **Transcrição fonética:** [ʃafodino]

Etimologia: Odino, de Okudina (desprezo ou desprezar, ser desprezível)

Definição/Significado: desprezo, semelhante à falta de respeito, parece desrespeito.

Variantes Gráficas: Safodino, Shafodino.

Nota: a motivação da atribuição do antropónimo advém de: relações entre pessoas com desprezo, quando existe falta de respeito entre pessoas.

Fonte de informações relativo ao antropónimo: Pedro Tongeni, 03/07/2016, 12h:10 – Ondjiva/Cunene – Angola.

Tabela 16. Ficha antroponímica Nº 16

Ficha antroponímica Nº 17

Antropónimo: Sihepo

Género: Masculino

Composição Morfológica: Nome simples

Grupo: Ovakwanyama

Língua: Oshikwanyama

Harmonização Gráfica: Shiepo **Transcrição fonética:** [ʃiepo]

Etimologia: Oluhepo, de Okuhepa (Pobreza, Empobrecer)

Definição/Significado: Relativo à miséria, ou à pobreza.

Variantes Gráficas: Siepo, Shihepo.

Nota: a motivação da atribuição do antropónimo é a pobreza (Nome atribuído a um indivíduo do sexo masculino que nasceu após o falecimento do seu pai).

Fonte de informações relativo ao antropónimo: Pe. Brito Hisidimbwa, 05/09/2016, 11H:19M, Missão Católica de Omupanda, Cunene – Angola.

Tabela 17. Ficha antroponímica Nº 17

Ficha antroponímica Nº 18	
Antropónimo: Sikudule	
Género: Masculino	Composição Morfológica: Nome simples
Grupo: Ovakwanyama	Língua: Oshikwanyama
Harmonização Gráfica: Shikudule	Transcrição fonética: [ʃikuduʎe]
Etimologia: Edulo, Okudula (Superior, de ser superior)	
Definição/Significado: Algo superior a ti ou Maior que tu.	
Variantes Gráficas: Sikudule, Shikudule.	
Nota: a motivação da atribuição do antropónimo é o de alguém que realizou uma acção que vai além das suas capacidades ou que enfrenta uma situação que ultrapassa as suas competências.	
Fonte de informações relativo ao antropónimo: Pe. Emanuel Belchior Valipo, 11/08/2016, 10H:14M, Ondjiva / Cunene - Angola	

Tabela 18. Ficha antroponímica Nº 18

Ficha antroponímica Nº 19	
Antropónimo: Silengifa	
Género: Masculino	Composição Morfológica: Nome simples
Grupo: Ovakwanyama	Língua: Oshikwanyama
Harmonização Gráfica: Shilengifa	Transcrição fonética: [ʃiʎenyifa]

Etimologia: Elengwa, Okulengifa (Vergonha, de fazer envergonhar)

Definição/Significado: vergonhoso; indecente ou algo feito que envergonha a família.

Variantes Gráficas: Silengifa, Shilengifa.

Nota: a motivação da atribuição do antropónimo deve-se em alguns caso quando um filho nasceu de uma relação não aprovada pela família ou quando a menina concebeu antes da efundula.

Fonte de informações relativo ao antropónimo: Pedro Tongeni, 03/07/2016, 12h:10 – Ondjiva/Cunene.

Tabela 19. Ficha antroponímica Nº 19

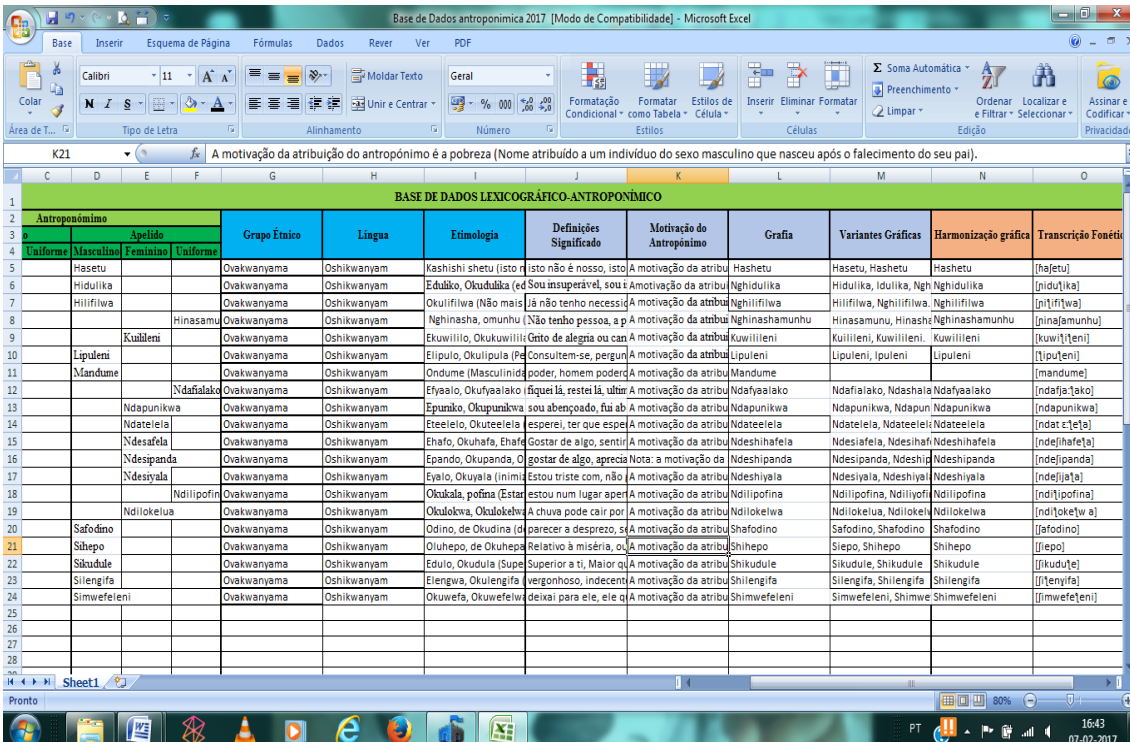
Ficha antroponímica Nº 20	
Antropónimo: Simwefeleni	
Género: Masculino	Composição Morfológica: Nome simples
Grupo: Ovakwanyama	Língua: Oshikwanyama
Harmonização Gráfica: Shimwefeleni	Transcrição fonética: [ʃimwefeʎeni]
Etimologia: Okuwefa, Okuwefelwa (Deixar, deixar-te responsabilidade de alguma coisa)	
Definição/Significado: deixai para ele, ele que resolva os seus problemas sozinho	
Variantes Gráficas: Simwefeleni, Shimwefeleni.	
Nota: a motivação da atribuição do antropónimo pode ter origem naqueles casos em que um dos progenitores já tinha sido advertido pelos familiares para não elevar o número de filhos por causa da sua saúde, pobreza e se for no caso de uma mulher pode ser que os pais das crianças nunca assumam a paternidade.	
Fonte de informações relativo ao antropónimo: Pedro Tongeni, 03/07/2016, 12h:10 – Ondjiva/Cunene.	

Tabela 20, Ficha antroponímica Nº 20

3.5. Base de dados de antropónimos

3.5.1. Base de dados de antropónimos em Excel

Neste item, tal como afirmamos acima, apresentamos um protótipo de uma base de dados de antropónimos da língua *Oshikwanyama*, em Excel, analisados no presente estudo.



BASE DE DADOS LEXICOGRAFICO-ANTROPONIMICO										
Antropónimo	Apellido	Grupo Étnico	Língua	Etimologia	Definições Significado	Motivação do Antropónimo	Grafia	Variantes Gráficas	Harmonização gráfica	Transcrição Fonética
Hasetu		Ovakwanyama	Oshikwanyam	Kashishi shetu (isto não é nosso, isto é do outro)	isto não é nosso, isto é do outro	A motivação da atribuição é a pobreza (Nome atribuído a um indivíduo do sexo masculino que nasceu após o falecimento do seu pai).	Hasetu	Hasetu, Hashetu	Hasetu	[hʌʃetu]
Hidulika		Ovakwanyama	Oshikwanyam	Eduko, Okudulika (ed Sou insuperável, sou insuperável)	ed Sou insuperável, sou insuperável	A motivação da atribuição é a pobreza (Nome atribuído a um indivíduo do sexo masculino que nasceu após o falecimento do seu pai).	Nghidulika	Hidulika, Idulika, Nghidulika	Nghidulika	[nidulika]
Hilifilwa		Ovakwanyama	Oshikwanyam	Okulifilwa (Não mais)	Ja não tenho necessidade	A motivação da atribuição é a pobreza (Nome atribuído a um indivíduo do sexo masculino que nasceu após o falecimento do seu pai).	Nghilifilwa	Hilifilwa, Nghilifilwa, Nghilifilwa	Nghilifilwa	[nifilwa]
		Hinasamu	Ovakwanyama	Nghinasha, omunhu (Não tenho pessoa, a pessoa)	Não tenho pessoa, a pessoa	A motivação da atribuição é a pobreza (Nome atribuído a um indivíduo do sexo masculino que nasceu após o falecimento do seu pai).	Nghinashamunhu	Hinasamunhu, Hinasashamunhu	Nghinashamunhu	[nashamunhu]
	Kuilleni	Ovakwanyama	Oshikwanyam	Ekwilleni, Okukwilleni	Onto de alegria ou canção	A motivação da atribuição é a pobreza (Nome atribuído a um indivíduo do sexo masculino que nasceu após o falecimento do seu pai).	Kuwilleni	Kuilleni, Kuwilleni	Kuwilleni	[kuwilleni]
	Lipuleni	Ovakwanyama	Oshikwanyam	Elipulo, Okulipula (Pe Consultem-se, perguntem)	Consultem-se, perguntem	A motivação da atribuição é a pobreza (Nome atribuído a um indivíduo do sexo masculino que nasceu após o falecimento do seu pai).	Lipuleni	Lipuleni, Ipuleni	Lipuleni	[lipuleni]
	Mandume	Ovakwanyama	Oshikwanyam	Ondume (Masculinidade)	poder, homem poderoso	A motivação da atribuição é a pobreza (Nome atribuído a um indivíduo do sexo masculino que nasceu após o falecimento do seu pai).	Mandume			[mandume]
		Ndafalako	Ovakwanyama	Efyalo, Okufyalaiko	fiquei lá, restei lá, última	A motivação da atribuição é a pobreza (Nome atribuído a um indivíduo do sexo masculino que nasceu após o falecimento do seu pai).	Ndafalako	Ndashala, Ndafyalako	Ndafyalako	[ndafyalako]
	Ndapunikwa	Ovakwanyama	Oshikwanyam	Epuniko, Okupunikwa	sou abençoado, fui abençoado	A motivação da atribuição é a pobreza (Nome atribuído a um indivíduo do sexo masculino que nasceu após o falecimento do seu pai).	Ndapunikwa	Ndapunikwa, Ndapun	Ndapunikwa	[ndapunikwa]
	Ndatelela	Ovakwanyama	Oshikwanyam	Etelelelo, Okutelelela	espere, ter que esperar	A motivação da atribuição é a pobreza (Nome atribuído a um indivíduo do sexo masculino que nasceu após o falecimento do seu pai).	Ndatelela	Ndatelela, Ndatelela	Ndatelela	[ndatelela]
	Ndesafala	Ovakwanyama	Oshikwanyam	Ehafo, Okuhafo, Ehafo	gostar de algo, sentir	A motivação da atribuição é a pobreza (Nome atribuído a um indivíduo do sexo masculino que nasceu após o falecimento do seu pai).	Ndesihafela	Ndesafala, Ndesihafi	Ndesihafela	[ndeshafela]
	Ndesipanda	Ovakwanyama	Oshikwanyam	Epanido, Okupanda, Opanido	gostar de algo, apreciar	Nota: a motivação da atribuição é a pobreza (Nome atribuído a um indivíduo do sexo masculino que nasceu após o falecimento do seu pai).	Ndeshipanda	Ndesipanda, Ndeship	Ndeshipanda	[ndeshipanda]
	Ndesiyala	Ovakwanyama	Oshikwanyam	Eyalo, Okuyala (Inimidade)	Estou triste com, não gosto	A motivação da atribuição é a pobreza (Nome atribuído a um indivíduo do sexo masculino que nasceu após o falecimento do seu pai).	Ndeshiyala	Ndesiyala, Ndeshiyala	Ndeshiyala	[ndeshiyala]
		Ndilipofina	Ovakwanyama	Okukala, poфина (Estabilidade)	estou num lugar aperfeiçoado	A motivação da atribuição é a pobreza (Nome atribuído a um indivíduo do sexo masculino que nasceu após o falecimento do seu pai).	Ndilipofina	Ndilipofina, Ndiliyofina	Ndilipofina	[ndilipofina]
		Ndilokelwa	Ovakwanyama	Okulokwa, Okulokelwa	A chuva pode cair por aqui	A motivação da atribuição é a pobreza (Nome atribuído a um indivíduo do sexo masculino que nasceu após o falecimento do seu pai).	Ndilokelwa	Ndilokelwa, Ndilokelwa	Ndilokelwa	[ndilokelwa]
	Safodino	Ovakwanyama	Oshikwanyam	Odino, de Okudina (diferença)	parecer a desprezo, superior a	A motivação da atribuição é a pobreza (Nome atribuído a um indivíduo do sexo masculino que nasceu após o falecimento do seu pai).	Safodino	Safodino, Shafodino	Safodino	[safodino]
	Shihepo	Ovakwanyama	Oshikwanyam	Oluhepo, de Okuhepa	Relativo a miséria, ou superior a	A motivação da atribuição é a pobreza (Nome atribuído a um indivíduo do sexo masculino que nasceu após o falecimento do seu pai).	Shihepo	Siepo, Shihepo	Shihepo	[shiepo]
	Sikudule	Ovakwanyama	Oshikwanyam	Edule, Okudula (Superior a ti, Maior que)	Superior a ti, Maior que	A motivação da atribuição é a pobreza (Nome atribuído a um indivíduo do sexo masculino que nasceu após o falecimento do seu pai).	Shikudule	Sikudule, Shikudule	Shikudule	[shikudule]
	Shiengifa	Ovakwanyama	Oshikwanyam	Eiengwa, Okulengifa	vergonhoso, indecente	A motivação da atribuição é a pobreza (Nome atribuído a um indivíduo do sexo masculino que nasceu após o falecimento do seu pai).	Shiengifa	Silengifa, Shiengifa	Shiengifa	[shienyifa]
	Shimwefeleni	Ovakwanyama	Oshikwanyam	Okufela, Okufelwela	deixei para ele, ele deixou	A motivação da atribuição é a pobreza (Nome atribuído a um indivíduo do sexo masculino que nasceu após o falecimento do seu pai).	Shimwefeleni	Simwefeleni, Shimwefeleni	Shimwefeleni	[shimwefeleni]

Ilustração 4: Base de dados da Língua Oshikwanyama em Excel

A maior parte dos antropónimos sobre o qual incidiu a nossa análise, tem origem no léxico comum da língua *Oshikwanyama*. Apresentam uma estrutura morfológica simples e são precedidos de uma prefixação.

Por outro lado, os antropónimos da língua *Oshikwanyama* aqui analisados apresentam uma variação enorme o que exigem uma proposta de harmonização.

Por último elaborámos uma **Base de dados de antropónimos** com o software Access com o objectivo de apresentarmos de uma forma clara os Antropónimos, os seus significados, as suas variações gráficas e propostas de harmonização gráfica.

Esta Base poderá ser disponibilizada aos Serviços de Cartórios de Registos Cíveis.

Exemplo : Hassondisi (Nome próprio)

Base de Dados Antropónimos de Angola : Base de Dados (Access 2007 - 2010) - Microsoft Access

Ficheiro Base Criar Dados Externos Ferramentas da Base de Dados

Formulário Para inserir data

ID: 3

Língua 1: Oshikwanyama

Nome Próprio 1: Hassondisi Género 1: M

Significado-NP1: Não é do meu conhecimento

Variante Gráfica 1: Hassondisi, Asond Etimologia 1: Deriva do substantivo

Harmonização Gráfica: Hashondishi

Língua 2:

Nome Próprio 2: Género 2:

Significado-NP2:

Variante Gráfica 2: Etimologia 2:

Harmonização Gráfica 2:

Língua 3:

Apelido 1: Género 3: Uniforme

Significado-APL1:

Variante Gráfica 3: Etimologia 3:

Harmonização Gráfica 3:

Língua 4:

Apelido 2: Género 4:

Significado-APL2:

Variante Gráfica 4: Etimologia 4:

Harmonização Gráfica 4:

Língua 5:

Apelido 3: Género 5:

Significado-APL3:

Variante Gráfica 5: Etimologia 5:

Harmonização Gráfica 5:

Língua 6:

Apelido 4: Género 6:

Significado-APL4:

Variante Gráfica 6: Etimologia 6:

Harmonização Gráfica 6:

Nota:

Registo: 3 de 85 Sem Filtro Procurar

Etimologia 2

19:57 28/03/2017

Ilustração 8. Base de dados de antropónimos da língua Oshikwanyama em Access nº 4

Esta **Base de dados de antropónimos**, em Access, apresenta os Antropónimos (Nomes Próprios e Apelidos), os seus significados, a etimologia, as suas variações gráficas e as propostas de harmonização gráfica.

Esta **Base de Antropónimos** deverá ser disponibilizada aos Serviços de Cartórios de Registos Cíveis e ao público em geral.

6. CONCLUSÃO

Feita a apresentação do tema *Antroponímia na Língua Oshikwanyama*, apraz-nos lembrar que os *Ovakwanyama* são povos da Província do Cunene, região a Sul de Angola que dispõe de uma cultura vasta em constante desenvolvimento e em contacto permanente com a cultura de outros povos do mundo.

O estudo mostrou que existem várias perspectivas sobre o estudo dos nomes próprios e de apelidos de pessoas.

A investigação mostrou que existem sociedades onde o nome já não se identifica com o sujeito nomeado.

A maior parte dos antropónimos da língua *Oshikwanyama* em que incidiu a nossa análise apresentam geralmente, uma composição morfológica simples e os seus significados, com um carácter etimológico, continuam a ser os mesmos apesar de aparecerem alguns antropónimos com um esvaziamento semântico. Todos os antropónimos, aqui, analisados têm a sua etimologia no léxico comum da língua nacional *Oshikwanyama*.

Durante este estudo constatamos que são várias as circunstâncias da vida social que concorrem para a atribuição dos antropónimos no grupo etnolinguístico *Ovakwanyama* do Cunene. Podemos apontar circunstâncias de ordem religiosa, natural, económica ou seja, todo o léxico em *oshikwanyama* pode dar origem a um antropónimo que irá encerrar um significado próprio. E, em muitos casos, os antropónimos chegam mesmo a terem vários significados e só quem o atribuiu pode conhecer os motivos que estiveram na origem da atribuição do antropónimo.

As duas formas de escrita na língua *Oshikwanyama* que vigora na República de Angola e da Namíbia podem ser consideradas como factor que influencia a variação gráfica dos antropónimos da língua *Oshikwanyama*. Recomendamos ao Governo da República de Angola em especial ao Instituto das línguas Nacionais para viabilizar a

aprovação do alfabeto da língua Oshikwanyama em harmonização com o alfabeto da língua *Oshikwanyama* usado na república da Namíbia.

Nem sempre a lei que regula a composição de nomes em Angola é respeitada na atribuição dos antropónimos, porque existem alguns cidadãos que atribuem o nome completo aos seus filhos simplesmente na língua nacional *Oshikwanyama*. Assim como há outros casos que fazem a atribuição dos nomes próprios e apelidos só em português.

Para se evitar a variação gráfica dos antropónimos da língua Oshikwanyama, recomendamos ao Ministério da Justiça da República de Angola para criar uma **Base de dados de antropónimos** para servir de apoio aos funcionários da Loja do Registo Civil do Cuanhama e de outros postos existentes na Província do Cunene. É importante para alguns funcionários que desconhecem as regras da escrita da língua *Oshikwanyama* que neste momento possui duas grafias: uma na República da Namíbia e outra na República de Angola.

7. BIBLIOGRAFIA

7.1. Bibliografia Geral

Altuna, P. Raúl Ruiz de Asúa. *Cultura Tradicional Bantu*. 2ª . Luanda: Secretariado Arquidiocesano de Pastoral, 1993.

Andrade, E. d. (2007). *Línguas Africanas (Breve Introdução à Fonologia e à morfologia)*. (1.ª, Ed.) Lisboa: A.Santos.

Boléo, M. d. (1956). *Os nomes étnico-geográficos e as alcunhas colectivos « Seu interesse linguístico, histórico e psicológico»* (Vol. XXXI). Coimbra: Coimbra.

Carreira, A., & Quintino, F. (1964). *Antroponímia da Guiné Portuguesa* (Vol. I). Lisboa: Memórias da Junta de Investigação do Ultramar.

Carvalho, A. P., & Seabra, M. C. (Julho/ Dezembro de 2012). Los nombres sagrados en la toponímia minera: estudio lingüístico y cultural. *ANTARES*, nº 8, , IV, pp. 158-168.

Carvalhinhos, P. d. (1 de Semestre de 2007). AS ORIGENS DOS NOMES DE PESSOA. *DOMÍNIOS DE LINGU@GEM Revista Eletrônica de Lingüística* Ano 1, nº1, pp. 165-177.

Chaves, L. (S/d). *Influências Religiosas na Formação da Antroponímia e da Toponímia em Portugal*. Lisboa.

Chaves, R. P. (2013). «Léxico». In V. Graça, & R. Veloso, *Gramática do Português* (Vol. I, pp. 181-211). Lisboa: Fundação Calauste Gulbenkian.

Dick, M. V. (1990). *Toponímia e Antroponímia no Brasil (Coletânea de Estudos)* (2.ª ed.). São Paulo.

Eckert, K. (14 de Abril de 2013). *Quem é quem? Um estudo antroponímico a partir dos sobrenomes do município de Lajeado - RS. Domínio de Linguagem* , pp. 139-159.

Estermann, Pª. Carlos. *Etnografia do Sudoeste de Angola*, 2ª ed. I volume, C.S. Sp., 1960.

Fernandes, J., & Ntongo, Z. (2002). *Angola: Povos e Línguas*. Luanda: Nzila.

Filgueiras, Z. F. (2011). *A presença italiana em nomes de ruas de Belo Horizonte: passado e presente, Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Orientadora: Maria Cândida Trindade Coata de Seabra. Belo Horizonte.*

Ferraz, A. P. (2004). Neologismos na Publicidade Impressa: Processo mais Frequentes no Português do Brasil. In O. A. Alves, *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia* (pp. 53-64). Universidade Federal de Minas Gerais - UFMS.

González, J. D. (2000). *O patronímico na onomástica pessoal dos documentos notariais galegos e portugueses da Baixa Idade Média (1250-1500)* (Vol. I). Santiago de Compostela: Faculdade de Filologia da Universidade de Santiago de Compostela.

Guebe, A. (2008). *Resistência à Ocupação Colonial do Sul de Angola, região dos Va-Nyaneka-Va-Nkhumbi e dos Va-Ambo (1850 - 1917)*. Luanda: Arte Viva.

H. A. Gleason, J. (1978). *Introdução à Linguística Descritiva*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Haipinge, T. E., & Lombe, J. E. (2012). *A influência do Cristianismo na cultura dos Ovakwanyama do Cunene. Dissertação de Licenciatura em Ciências da Educação, opção História Apresentada no Instituto Superior de Ciências de Educação da Huíla, Orientadora: Lic. Mariete da Conceição Costa. Lubango: ISCED/Huíla.*

Halme, R. (2006). *Encontro Sobre a Questão do alfabeto e ortografia de oshikwanyama*. Ondjiva.

Kremer, D. *De antroponimia astriana y leonesa medieval* (Vols. Apartáu 574 - Uviéu). Espanha: Academia de la Llingua Asturiana Apartáu/ 574 - Uviéu.

Leconte, P. E. (1949). *Pequeno Método de Aprender Português para o Uso dos Povos do Cuanhama (Sul de Angola)*. Sá da Bandeira : Missão da Huíla.

Lima, M. H. (1977). *Nação Ovambo*. Lisboa: Editorial Aster, Lda.

Instituto Nacional de Línguas(1980). *Histórico Sobre a Criação dos Alfabetos em Línguas Nacionais*. Luanda: Edições 70, LDA.

Lourenço, P. S. (2003). *A Missão Espiritana no Sudoeste de Angola*. Lubango: Gráfica Povoense.

Lusakalelu, P. (2005). *Línguas e unidades Glossonímicas: contribuição para um estudo da diversidade Linguística de Angola e Namíbia (1ª ed.)*. Luanda: Nzila.

Mateus, M. H. (1990). *Fonética, Fonologia e Morfologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.

Monteiro, R. L. (1994). *Os Ambós de Angola Antes da Independência*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.

Namolo, G. (2011). *O Código das Línguas no Mundo Globalizado*, s. ed., Arquidiocese do Lubango.

Namolo, G. (2015). *A Língua Nacional (E Regional) oshiwambo-Kwanyama (2.ª ed.)*. Lubango-Angola: Prior Velho.

Neto, J. P. (1963). *O Baixo Cunene: Subsídios Para o Seu Desenvolvimento*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar.

Ngunga, A. (2004). *Introdução à linguística bantu*. Maputo: Imprensa Universitária - Faculdade de Letra e Ciências Sociais.

Ntondo, Z. (2014). *Fonologia e morfologia do kwanyama (R21)*. Luanda: Mayamba Editora.

Nunes, N. N. (1996). *Antroponímia Primitiva da Madeira (Séculos XV e XVI), Dissertação de Mestrado Em linguística na Faculdade de letras da Universidade de Lisboa*. Lisboa.

- Peres, J. A. (1993). Discursos: Semântica das Estruturas Nominais. In C. Reis, *Discursos estudos de língua e cultura portuguesa* (pp. 17-18). Coimbra: Universidade Aberta.
- Ramos, R. T., & Bastos, G. R. (Agosto de 2010). Onomástica e possibilidades de releitura da história. *Revista do Centro Universitário Augusto Motta*, 1415-398X ISSN, Semestral UNISUAM, Ano 15, N. 30 , pp. 86-92.
- Rosa, M. C. (2000). *Introdução à morfologia*. São Paulo: Contexto.
- Santos, J. A. (1962). *(Perspectiva de) Gramática Comparada dos falares Bantos angolanos: Umbundu, Musele, Oluñaneka, Kwañama, Kimbundu, Omumbwi, Kikongo e Tchokwe*. Lisboa.
- Santos, M. L. (2003). A Onomástica, o Indivíduo e o Grupo. *Arquipélago, História: Revista da Universidade dos Açores* , VII, pp. 229-242.
- Saraiva, A. (1971). *um nome para o seu filho* (Vol. Separata do Jornal do Fundão). s.l. : s.ed.
- Seabra, M. C. (2006). Referência e Onomástica. In (. J. Magalhães, & L. C. Travaglia, *Múltiplas perspectivas em Linguística* (pp. 1953-1960). Uberlândia/MG: EDUFU.
- Serra, P. C. (1960). *Topónimos do Distrito de Aveiro*. Aveiro: coimbra.
- Serra, P. (1966). *Três Alineas de Onomástica*. Aveiro: Lusitânia-Aveiro.
- Serrote, J. M. (2015). *Antroponímia da Língua Kimbundu em Malanje, Dissertação de mestrado em terminologia e gestão da informação de especialidade, orientada pela professora doutora Maria Teresa Rija da Fonseca Lino*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.
- Sweet, J. H. (2007). *Recriar África: Cultura, Parentesco e Religião no Mundo Afro-Português (1441-17770)*. Lisboa: Edições 70, Lda.
- Vasconcellos, D. J. (1928). *Antroponímia Portuguesa (Tratados comparativos da origem, significação, classificação e vida do conjuntos nomes próprios, sobrenomes, e apelidos, usados por nós desde a Idade-Média até hoje)*. Lisboa: Imprensa Nacional.

Vasconcellos, J. L. (1931). *Opusculos Onomatologia* (Vol. III). Coimbra: Coimbra-Imprensa da Universidade.

Vilela, M. (1994). *Estudos de Lexicologia do português*. Coimbra: Livraria Almedina .

Villalva, A. (1990). Morfologia. In M. H. Mateus, *Fonética, Fonologia e Morfologia do português* (p. 518). Lisboa: Universidade Aberta.

Villalva, A. (2008). *Morfologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta .

Wheeler, D., & Pelissier, R. (2013). *História de Angola*. Lisboa: 1ª reimpressão Tintas-da-China.

7.2. Gramáticas

A.A. (2012). *Oshikwanyama- omushangelo3 (orthography3)*. Windhoek: Macmillan Education Namibia Publishers.

Barros, V. F. (2013). *Gramática da língua Portuguesa (Em Conformidade com o Dicionário Terminológico e e o Novo Acordo Ortográfico - 3.º Ciclo e Secundário) (2ª Edição ed.)*. Lisboa: Âncora Editora.

Halme, K. (2004). *Tonal Grammar of Kwanyama* (Vol. VIII). Germany: Rudiger Koppe Verlag Klön.

Hasheela, P. (2013). *Oshikwanyamanena shipe – ondodo 10- 12*. Windhoek: Namibia Publishing Hause.

7.3. Dicionários

Academia das Ciências de Lisboa. (2001). *Dicionário de Língua Portuguesa Contemporânea*. (vol. I, A-F), Lisboa: Verbo.

Houaiss, A. (2005). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Lisboa: Temas e Debates.

Ndanyakukwa, C. (2016). *Dicionário de nomes em Oshikwanyama*. Luanda: Mayamba Editora.

7.4. Documentos Oficiais

Diário da República. I Série. N.º 84. Lei Nº10/85, de 19 de Outubro.

Mensário Administrativo. N.º 6, Fevereiro de 1948. Publicação de Assuntos de Interesse Colonial. Colónia de Angola. Luanda, Edição da Direcção dos Serviços de Administração Civil.

ASSENTO DE NASCIMENTO


N.º 51 mil e cento e dois horas e dois minutos
do dia 23 de Junho de mil novecentos e oitenta e dois NASCEU no Omuivandye
Assenta e dois Comuna de _____
Município de Guanhama
, um indivíduo do sexo Masculino a quem foi posto
o nome próprio de Henrique Handume de família
filho de Mateus Uleyulu
no estado de _____
de profissão _____
natural d Omuvandye
Comuna d _____
Município d Guanhama
e de Gloria Vajola
no estado de _____
de profissão _____
natural d Omuvandye
Comuna d _____
Município d Guanhama
e residentes em Omuvandye.

Neto paterno de Harondali e de Maria
Mwachanganga
e materno de Mba Ndume e de Kishun-
gileni.

Este assento, lavrado com base na certidão
de nascimento completa da Igreja Católica
de Gloria
depois de lido em voz alta perante todos e conferido,
pode ser assinado pelo próprio registado
e pelas testemunhas David Ndapi
casimbe, Sotleye, responsável de Amago
residente em Babansa, Albertina Nde
pagosa Mangula Kamvudye,
Sotleye Kstadank, residente em
Gastimua do dia.

e por mim Paulo a o notário ajudante de con-
servador do Registo Civil do Guine
às _____ horas e _____ minutos do dia
23 de Junho de mil novecentos e oitenta
e dois nesta Delegação do Registo Civil de
Guanhama

X Henrique Handume
X David Ndapi
X Albertina Kamvudye



Registado no «Diário» sob o n.º 5132

Ilustração 10. Assento de Nascimento de 1984

Fl. 85 CB

Assento n.º 1388
 N.º do Nascimento Hamumheila

Cédula n.º Série
 Documento n.º Maço n.º

AVERBAMENTOS:

ASSENTO DE NASCIMENTO

N.º Mil trezentos e oitenta e oito minutos
 do dia As de mil novecentos e oitenta e dois horas e de mil novecentos e oitenta e dois minutos

NASCEU no Município de Buanhama
 Comuna de Ndadiquara Ha a quem foi posto

o nome próprio de Ndadiquara Ha um indivíduo do sexo masculino e de família
 Hamumheila

filho de Hamumheila no estado de solteiro
 de profissão Agropolo

natural d. de Vehmou
 Comuna d. Buanhama

Município d. Buanhama no estado de solteira
 e de Hipitua

de profissão Doméstica
 natural d. de Ondjiva

Comuna d. Buanhama
 Município d. Buanhama e residentes em Vehmou

Neto paterno de Kasaman e de Muesitota
 e materno de Hamulanga e de Ndimitao


Este assento, lavrado com base na declaração prestada pela própria registada

depois de lido em voz alta perante todos e conferido, vai ser assinado pela própria e pelos testemu-
 nhas Pedro Domingo, Hilakemba
 Solino residente em Kilamba,
 Bonifácio, N. de Namunde, Kaissutia
 Estêvão residente em C. do P. L.

e por mim Paulo Ernesto, ajudante do
 Conservador do Registo Civil do Município
 de Buanhama

em vinte e oito de outubro de mil novecentos e oitenta e dois
 e susseguente nesta Delegação do Registo Civil de Buanhama

X A própria mãe
 X Pedro Domingo Hilakemba
 X Bonifácio Namunde
 X Estêvão Namunde



Registado no «Diário» sob o n.º 5190

Ilustração 11. Assento de Nascimento de 1985

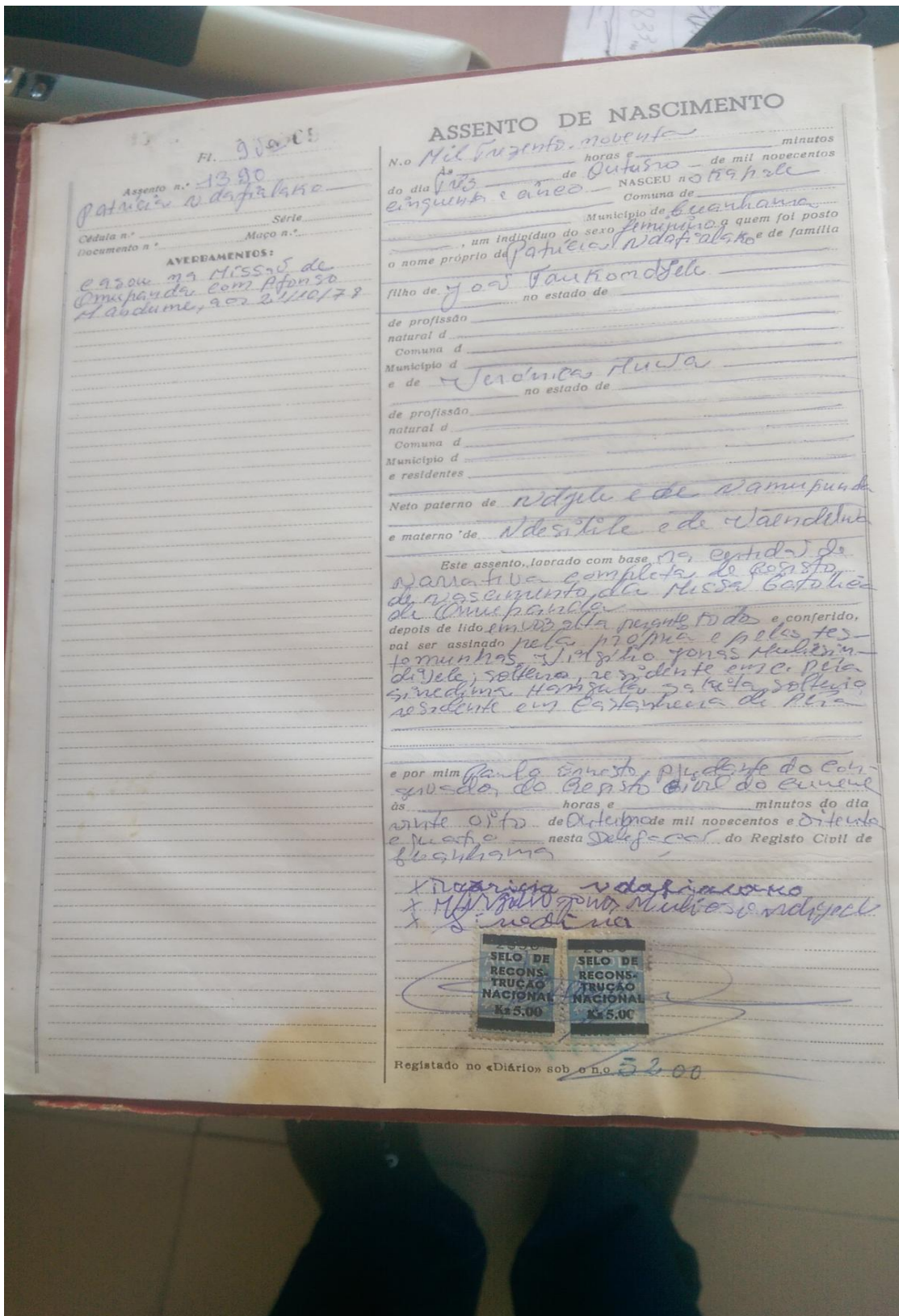


Ilustração 13. Assento de Nascimento de 1984

8.2. Anexo nº 2. Cópias retiradas dos livros de baptimo da igreja católica Missão de Omupanda, diocese de Ondjiva-Cunene

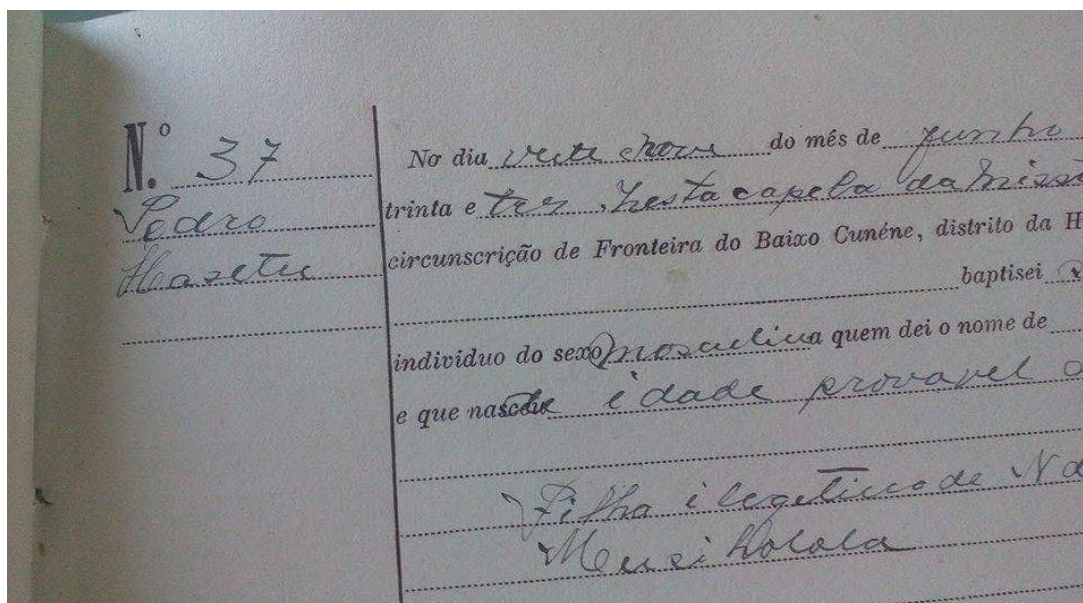


Ilustração 15. Cópia de assento de Baptismo de 2010

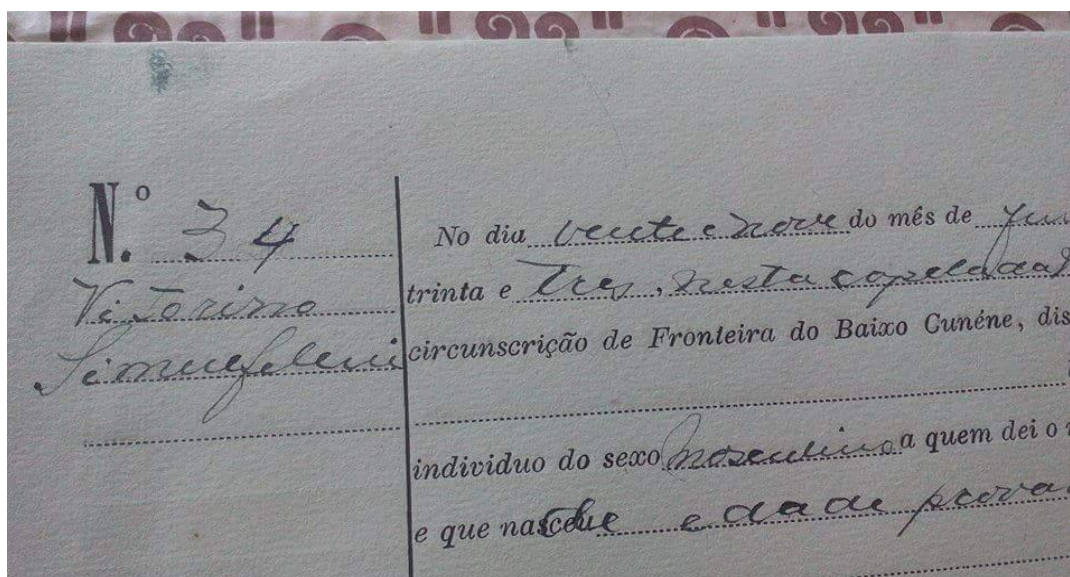


Ilustração 16. Cópia de assento de Baptismo de 2010